

Feijão, só pros ricos!

No Rio milhares de pessoas atacadas pela PM nas filas do feijão. No Brasil inteiro preço subiu 42% num mês. Política de fome do regime provoca descontentamento generalizado. Página 3



O Globo

PM investe contra populares que fazem fila na porta de um supermercado de Campo Grande, R.J

Metalúrgicos da Belgo param e vencem

Página 8



Professores cercam palácio da mordomia

A greve dos mestres paranaenses na pág. 4

Chapa Viração propõe para a UNE posições vencedoras no 32.º Congresso

Página 8



Cena do Encontro Estadual dos camponeses

Reforma agrária e liberdade

foram as exigências de 300 líderes camponeses reunidos no Pará. Pg. 5

Editorial

Dia 15 é jornada de luta

As filas de feijão são o retrato da incompetência dos generais para resolver os problemas do país. Num tradicional produtor de feijão como o Brasil, o povo sofre as piores humilhações para conseguir um ou dois quilos em filas intermináveis, devido à política econômica do regime. Em todos os terrenos a situação se agrava.

Ninguém tolera tanta exploração e opressão. Apesar de todas as manobras do regime militar, ficam cada dia mais claros dois campos em confronto direto: de um lado os generais reacionários, defendendo as forças mais retrógradas da burguesia e do latifúndio, atrelados ao capital estrangeiro. De outro os operários e trabalhadores em geral, as forças democráticas e populares, todos os que se opõem a este regime vende-pátria e anti-povo.

* Preocupados com o avanço popular, os fascistas saem em campo. Praticaram dezenas de atentados, até agora não esclarecidos, apesar das juras de Figueiredo. Cancelaram as eleições de novembro, negaram os direitos do Poder Legislativo e as imunidades dos parlamentares. E agora o general Coelho Neto, acusado de ser um dos chefes dos criminosos terroristas, investe contra o padre Vitó, contra os bispos de Teófilo

Otoni e São Félix do Araguaia. Os fascistas estão contra tudo que esteja com o povo e a liberdade.

O caminho que se abre para enfrentar essa ofensiva fascista não é o da confiança nos acordos com o regime militar. É a união e a luta das amplas massas para conquistar a liberdade política sem restrições. A união do povo é que pode combater a união dos fascistas.

* Nesta situação, ganha importância decisiva a luta pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, convocada por um governo que represente de fato as forças democráticas e de unidade popular. É ela que aponta os passos imediatos para liquidar o regime militar e traçar uma nova orientação econômica, social e financeira, voltada para os interesses do povo.

* O desafio que se coloca para a oposição popular é o de aumentar a atividade política com vistas a transformar a Constituinte numa luta de amplas massas. E a oportunidade que se abre é fazer do 15 de novembro um vigoroso pronunciamento nacional de massas pela Constituinte livre e soberana. Espalhando-se por todo o país esta luta pode gerar o vasto movimento capaz de abrir uma situação nova no país, liquidar a ofensiva fascista e alcançar a mais ampla liberdade.

ALAGOAS PELA CONSTITUINTE



CDM

Centro de Documentação e Memória

Miguel Arraes faz sua intervenção no seminário democrático em Maceió



Povo exige melhorias na saúde. Crianças são grandes vítimas da fome.



SAÚDE PARA O POVO

Ilusão com Prev-Saúde

A ampla maioria da classe médica não está satisfeita com o anteprojeto do Prev-Saúde, apresentado pelo governo. Isto é o que ficou claro pelas conclusões tiradas do relatório apresentado por várias entidades médicas de São Paulo, no dia 25 de outubro, último dia do prazo dado pelo Ministério da Saúde e Previdência para a apresentação de sugestões e críticas ao Prev-Saúde. As principais críticas ao anteprojeto foram: dificuldade de acesso ao texto do Prev-Saúde; prazo de apenas 25 dias para apresentação de sugestões; falta de regulamentação ou redução no caráter expansionista do setor empresarial médico hospitalar.

O Prev-Saúde (Programa Nacional de Ações Básicas de Saúde) é um plano de saúde de grandes proporções, envolvendo bilhões de cruzeiros e que segundo o ministro da Previdência Social, Jair Soares, "vem para atender a população que está à margem de qualquer atendimento de saúde". No Brasil são cerca de 40 milhões de pessoas que não recebem nenhum tipo de assistência de saúde.

PLANO DEMAGÓGICO

De acordo com o anteprojeto, o Prev-Saúde pretende prestar uma assistência médica primária (que não necessita internamento em hospitais) a todo cidadão, princi-

palmente nas áreas urbanas e rurais. Este plano custará 156 bilhões de cruzeiros para ser implantado e mais 170 bilhões anuais em manutenção a partir de 1987. Quem executará o plano será o Ministério da Saúde com verbas captadas pelo Ministério da Previdência, mais recursos provenientes do exterior. Estas verbas serão repassadas para as secretarias estaduais, que por sua vez executarão o plano através dos postos de saúde.

A iniciativa privada, que foi consultada sobre o Prev-Saúde antes mesmo da divulgação do documento, já se manifestou por diversas vezes, pressionando para não perder sua fatia do lucrativo mercado de saúde. A Federação Brasileira dos Hospitais acusou o plano de estatizante e já conseguiu que fossem feitas modificações no projeto inicial, favorecendo o setor privado. No Brasil, 80% da assistência médica está nas mãos da rede particular.

LUCROS AOS HOSPITAIS

Quanto à estrutura de atendimento hospitalar, permanecerá a mesma. Dos 170 bilhões de cruzeiros do Prev-Saúde, nada está destinado à criação de novos hospitais públicos. O INAMPS permanecerá com sua política de dar preferência aos convênios com hospitais particu-

res, ao invés de construir sua própria rede hospitalar.

Quanto mais gente doente, mais lucros para os hospitais. De acordo com este ponto de vista, o atual sistema de saúde não se preocupa com a prevenção das doenças. Milhões de brasileiros morrem anualmente vítimas de doenças infecciosas, parasitárias ou ligadas à nutrição, que com um mínimo de atendimento básico adequado poderiam ser evitadas. A mortalidade infantil até um ano de idade alcança 100 por mil nascidos vivos, enquanto nos países desenvolvidos esse índice está em torno de 15.

UMA QUESTÃO MAIS AMPLA

A questão da saúde não se restringe apenas ao campo da medicina. Alimentação, habitação, educação, trabalho, lazer, tudo isto são fatores que estão intimamente ligados à saúde e que não merecem destaque nos planos do Prev-Saúde.

Os médicos mais identificados com o povo acreditam que sem a ampla mobilização dos setores populares e enquanto os grandes grupos econômicos estiverem manobrando a política da saúde, por mais ambiciosos que sejam os planos apresentados não resolverão os problemas do povo. O Prev-Saúde é um destes planos, que, tudo leva a crer, ficará apenas no papel. (Domíngos Abreu)

Polícia prende e espanca

Belo Horizonte, MG — A polícia mineira continua cometendo suas arbitrariedades, sem que os culpados sejam punidos. Desta vez foi o colaborador da Tribuna, Carlos Eduardo da Silva Palhares, a vítima destes elementos da "segurança" pública. Carlos Eduardo foi preso quando pixava um muro, sendo covardemente espancado pela PM e depois levado para o DOPS. Depois de várias horas de interrogatório foi solto. Em seguida o jovem deu queixa e abriu processo contra os policiais.

Carlos Eduardo Palhares é coordenador do PMDB em Minas Gerais e também participa do Movimento Contra a Carestia. Faz parte do PMDB jovem e é bastante conhecido na oposição mineira. (Da sucursal)



Tratores do governo destroem casebres deixando moradores na rua



COHAB leva destruição ao povo

São Luiz, MA — Mais uma vez, a pretexto de acatar mandados de manutenção de posse e demolição expedidas por juizes desta cidade, policiais vêm espalhando o terror e o vandalismo contra o povo. Um mês após 700 policiais invadirem a Vila de São Viana, para derrubar 41 casebres (veja TO nº 23), os moradores da Vila Padre Xavier foram vítimas de mais um ato de terrorismo oficial.

A Vila Padre Xavier é um bairro próximo ao conjunto residencial Bequimão. Ali policiais deram proteção para que a Companhia Habitacional do Maranhão (COHAB) destruísse 200 casebres, usando tratores. Tomando conhecimento do fato, uma comissão de deputados da oposição dirigiu-se ao local, tentando sem sucesso sustar a

operação. Numa rápida reunião, os moradores formaram uma comissão para ir até a COHAB.

Ao chegarem no prédio da COHAB, os moradores não foram recebidos pelos diretores daquela entidade, sendo que a única atitude que eles tomaram foi chamar um reforço policial para intimidar os desabrigados. A comissão ainda tentou adiar a operação por 48 horas, o que não foi aceito pela direção da COHAB, que ainda mandou um emissário ao local do despejo para acelerar a destruição e a expulsão dos moradores.

Por estar apoiando os moradores da Vila Padre Xavier, o economista José Bartolomeu Cavalcante, da FASE, foi preso por agentes do DOPS, às 2,30 horas do dia 24, ficando detido até às 19

horas. Diante da mobilização dos moradores e devido a atuação dos deputados Haroldo Sabóia e Carlos Gutierrez do PMDB, do ex-deputado Cid Carvalho, presidente do PMDB, dos representantes da FASE, Comissão Pastoral da Terra e da Igreja Católica, o oficial da justiça José Lima, que executava a operação, suspendeu o despejo.

O secretário do interior do Maranhão prometeu remanejar os moradores para uma área no bairro Vera Cruz. Mas os moradores desabrigados foram ao local e viram que o espaço não era suficiente para abrigar a todos. Os desabrigados decidiram que não arrendariam do local e no dia 24 mesmo, já iniciaram a reconstrução de suas casas com a ajuda de pessoas de outros bairros. (Da sucursal)

União contra terror

Vitória, ES — O prefeito José Maria Feu Rosa, do município de Serra, na grande Vitória, vem tentando intimidar os moradores do bairro Sossego, que há tempos vêm tentando organizar uma associação de moradores no bairro. Para ameaçar os moradores, o prefeito lança mão de pressões de toda ordem, inclusive espancamentos e ameaças de prisão.

O fiscal da prefeitura José Batista de Souza, conhecido por "Paraíba", vem agindo como jagunço do prefeito. "Paraíba" em muitas ocasiões já expulsou moradores, para, posteriormente, vender seus direitos de posse.

Para fazer frente a estes atos de terrorismo, os moradores do Sossego, em sua maioria operários, resolveram organizar uma Associação.

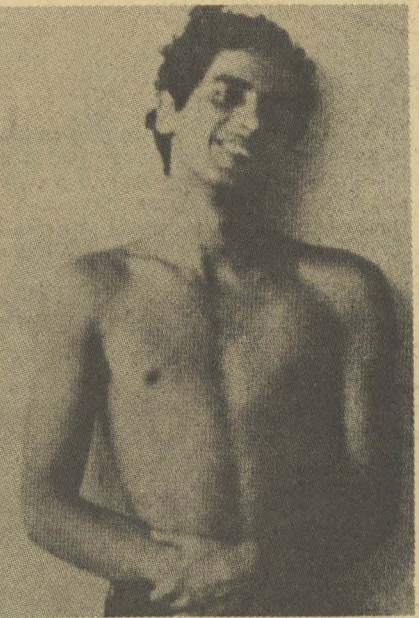
O prefeito e seus capangas, entre eles "Paraíba", não gostaram da idéia dos trabalhadores que moram no bairro e na última reunião da Associação apareceram por lá. O bando de agressores, utilizando carros oficiais do município da Serra, acabaram com a Assembleia dos moradores, dando tiros de fogos de artifício.

Como a polícia não toma nenhuma providência, e muito menos o prefeito Feu Rosa, as demais associações de moradores da Serra resolveram fazer um manifesto de protesto contra as arbitrariedades que vem sofrendo os moradores do bairro Sossego. Assinaram o manifesto as Associações de Moradores de Taquara I e II, Cantinho do Céu, Campinho da Serra I e II, Carapina, Hélio Ferraz, Mata da Serra e Boa Vista.

(Da sucursal)



Os irmãos Iuri e Alex Xavier deram suas vidas pela liberdade.



Vítimas da repressão

São Paulo, SP — Num clima de grande emoção, foram trasladados do cemitério de Perus, em São Paulo, para o cemitério de Inhaúmas, no Rio de Janeiro, os corpos dos irmãos Alex e Iuri Xavier Pereira, mortos pela repressão em 1972. Num esforço conjunto de várias entidades democráticas, em particular do Comitê Brasileiro pela Anistia e familiares dos mortos e desaparecidos, foi possível localizar os corpos de mais duas vítimas dos órgãos de repressão.

Iuri Xavier Pereira foi líder dos estudantes secundaristas de 1965 a 69 no Rio de Janeiro, tendo sido diretor da União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais. Seu irmão mais jovem, Alex de Paula, também militante do movimento secundarista carioca, foi diretor do Grêmio do Colégio Pedro II,

em 1968. Os dois irmãos ingressaram na Ação Libertadora Nacional, sendo que Iuri chegou a fazer parte da sua Coordenação Nacional.

Alex de Paula Xavier Pereira foi assassinado no dia 20 de janeiro de 1972, com 22 anos de idade, juntamente com Gelson Reicher, na cidade de São Paulo, em circunstâncias ainda não esclarecidas. Apesar de sua morte ter sido anunciada pela imprensa, Alex foi enterrado sob nome falso.

Iuri, um ano mais velho que Alex, também foi assassinado pelos organismos militares de repressão no dia 14 de junho de 1972, junto com Ana Maria Nacinovic Correa e Marcos Nonato da Fonseca. Estavam em um bar no bairro paulista da Moóca, quando foram atacados pela repressão.

Princípios

Aguarde para breve o lançamento de Princípios, uma revista teórica, política e de informação a serviço da propagação do socialismo científico no Brasil

Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro de Oliveira
Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardino Jolly, Olívia Rangol, Dilair Aguiar
Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista - São Paulo, capital - CEP 01325
Tel. 36-7531
Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 11, s. 307 - Lapa - CEP 20241 - Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial - Contagem - CEP 30000 - Bahia:

R. Padre Vieira, 61, s. 307 - Salvador - CEP 40000 - Pernambuco: R. 7 de Setembro, 42, 7. andar - s. 202 - Boa Vista - Recife - CEP 50030
Rio Grande do Sul: R. São Camarã, 52, s. 25 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000 - Ceará: R. do Bosano, 313, s. 200 - Fortaleza - CEP 70000
Espírito Santo: Av. João Nogueira Monteiro, 352, s. 4 - Centro - Vitória
A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorjés, rua Gastão da Cunha, 49 - fone: 531-8900 - SP.



Mulheres

São Luiz, MA — No último dia 19, o Movimento da Mulher Maranhense (MMM), que foi criado há quatro meses fez o lançamento de seu primeiro livro de poesias, intitulado "Retalhos". O novo livro traz poemas de oito novos poetas populares maranhenses. No ato do lançamento, uma representante do MMM ressaltou que "a luta do Movimento da Mulher Maranhense não é contra os homens e sim contra o regime". As representantes das mulheres disseram que aproveitaram a data do aniversário da Tribuna Operária para o lançamento de seu livro, "porque hoje é um dia de luta, apesar do aspecto festivo, e nós estamos na luta para engrossar mais as fileiras para a vitória".

Abaixo-assinado

Santo André, SP — Várias mães de família do bairro Vila Palmares estiveram na prefeitura de Santo André no dia 23, para entregar um abaixo-assinado ao prefeito, pedindo o início imediato da construção do Centro Educacional Assistencial Recreativo (CEAR). Este centro mantém um curso pré-escolar para crianças de 4 a 6 anos. Como a grande maioria dos moradores de Vila Palmares são operários, o término do CEAR naquele bairro é de muito interesse para a população. O prédio já havia começado a ser construído, mas inexplicavelmente, faz um ano que parou suas obras e continua abandonado. Mais de mil pessoas assinaram o abaixo-assinado.

Pós-Graduandos

São Paulo, SP — Na reunião da Comissão Nacional Provisória de Pós-Graduação (CNPBG), realizada nos dias 4 e 5 de outubro em Belo Horizonte, ficou acertada a realização para o dia 12 de novembro, de um Dia Nacional de Protesto de Pós-Graduandos. Em carta dirigida ao MEC, os pós-graduandos afirmam que a destinação de verbas irrisórias para a pesquisa parece visar claramente a desativação dos programas de pós-graduação do país. Também criticam a transformação dos cen-

tros de pesquisas existentes em fundações vinculadas a grupos industriais.

Debate

Rio de Janeiro, RJ — No bairro pobre de Irajá realizou-se no dia 18 de outubro um debate sobre habitação, promovido pela Associação dos Moradores do Conjunto Av. Brasil (AMCHAB). Estavam presentes diversas associações de bairros, o Movimento Amigos de Bairros de Nova Iguaçu, a Federação das Associações de Moradores de Bairros do RJ (FAMERJ), a Pastoral do Rio de Janeiro, o PMDB, o Sindicato dos Engenheiros, o Instituto dos Arquitetos do Brasil, o Boletim dos Arquivos e a Tribuna Operária. Compareceram também algumas autoridades do governo estadual, fazendo a costureira demagogia. Essas "autoridades" foram muito bem repudiadas pelos presentes. Segundo um metalúrgico, "essas autoridades só vêm aqui para enbromar. Têm medo do povo. Dizem que vão resolver mas não resolvem nada. Estão presos ao benefício que o poder lhes concede".

Estudantes

Salvador, BA — Pedindo a abolição de taxas arbitrárias e das apostilas pagas, curso particular de matemática, os estudantes do Colégio Estadual da Bahia (Central) fizeram um abaixo-assinado com três mil assinaturas, que entregaram ao diretor do colégio, Josafá Fonseca Ferreira. A resposta deste foi não tomar conhecimento do protesto dos alunos e dizer que além dele, ninguém mais tinha direito de voz no colégio.

Nunta reunião com os secundaristas, o diretor Josafá Ferreira mostrou sua atitude fascista, chamando um aluno que lhe dirigia a palavra de imbecil e chegando a lhe dar um tapa e uma suspensão do colégio por oito dias. O clima no colégio está se caracterizando pelo arbitrio, havendo atitudes guardadas de revólveres dentro daquele estabelecimento de ensino. Mas mesmo com estas pressões e tentativas de intimidação, os alunos permanecem unidos e dispostos a lutar por um ensino democrático no lado da luta de todo o povo brasileiro.

É hora de ler

O imperialismo e a revolução

O livro de Enver Hodja é uma poderosa arma nas mãos dos trabalhadores, em defesa de seus interesses fundamentais

Pedido de compra

Nome:
Endereço:
Bairro: Estado:
Cidade: CEP: Fone:

Estou enviando o cheque n. no valor de Cr\$ 400,00, em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda., rua Beneficência Portuguesa, n. 44, sala 206, SP - CEP 01033

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome:
Endereço:
Bairro: Cidade:
Estado: CEP: Fone:

Estou remetendo um cheque de Cr\$ 500,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Banco Itaú - Agência Jaceguai - conta n.º 03154 São Paulo - Capital.

Governo tirou até o feijão do trabalhador

Tragédia carioca e nacional cai sobre o povo

Depois de 11 horas em pé, na fila do feijão, o vigia José Valentim não aguentou mais. Desesperou, começou a chorar, e acabou preso pela Polícia Militar. Junto com ele eram vinte mil pessoas que se concentravam, desde as primeiras horas da madrugada de 22 de outubro, na porta do supermercado "Três Poderes", em Campo Grande, Estado do Rio. Motivo: 24 toneladas de feijão argentino que seriam vendidas às oito da manhã. As seis da tarde, quando o feijão acabou, ainda havia 8 mil pessoas na fila. Foi quando a PM resolveu atacar o povo inconformado. Muita gente chorou, outros reagiram. No final, dezenas de pessoas estavam feridas, cinco hospitalizadas.

BATALHA PELO FEIJÃO

As filas para comprar feijão preto a 25 cruzeiros o quilo estão virando verdadeiros campos de batalha entre populares e soldados da PM no Rio de Janeiro. 15 dias atrás, em Caxias, até mulheres grávidas foram agredidas e pisoteadas. Uma dona de casa, na fila há oito horas, carregando duas crianças pequenas, relata, revoltada: "A polícia gritava pra gente dispersar, batendo de cassetete na gente, como se fosse tudo criminoso. E a gente só queria comprar feijão!"

Noutra fila, em Belford Roxo, Maria Aparecida, 26 anos, empregada doméstica, afirma à *Tribuna*: "Como se não bastasse essa inflação,

toda, a falta de feijão e essas filas, ainda mandam a polícia bater na gente!" E Francisco, trocador de ônibus, completa: "A gente já não come carne, já não bebe leite, agora querem tirar o feijão. Acho que quando tem esses tumultos e a polícia vem dar cacetada, a gente tem mais é que reagir e quebrar tudo. Afinal de conta, a gente é que não tem culpa de estar faltando feijão!"

O RESTO PIOR AINDA

No Rio de Janeiro a situação ficou mais explosiva porque as longas filas esgotaram a paciência do povo. Mas no restante do Brasil o quadro é talvez pior, por um motivo muito simples:

O Rio é uma cidade onde a população consome feijão preto. E é também o lugar onde a Fundação Getúlio Vargas faz seu cálculo do custo de vida, que o governo utiliza para diversos fins. Resultado: esse governo antipovo e mentiroso começou a tabelar somente o feijão preto, para falsificar os números sobre a alta do custo de vida. Teoricamente, o feijão, no Rio, custa 25 cruzeiros o quilo... mas ninguém consegue comprar! A partir do dia 28, o próprio governo mandou suspender as vendas. Carioca não pode mais comer feijão.

Enquanto isso, no resto do país, encontra-se feijão, mas por 100, 120, 150, 180 cruzeiros o quilo. O produto, encareceu 42% somente no mês

de outubro! Portanto, não há filas, mas também não há feijão, pelo menos para o povo trabalhador.

"FAZ UM MÊS QUE NÃO COMO"

A *Tribuna* ouviu a respeito o depoimento de dona Maria Antônio da Silva, pernambucana, moradora no Itaim Paulista, faxineira numa firma e mãe de oito filhos menores, dois trabalhando:

"Tem um mês — disse ela — que não como feijão. Pra não dizer que não comi, comi uma vez, porque estive internada no hospital. A base da comida lá em casa agora é arroz, salada e um ovo para cada um. Uma vez por semana, meio quilo de frango. No ano passado eu comia feijão, fazia minha compra completa, mas de um tempo pra cá não dá mais. Carne? Tem um século que eu não sei o que é carne de boi! Desde o ano passado também não compro leite pras crianças, nem café. De manhã a comida é uma bengalinha de pão com chá-mate."

E a fome batendo na porta do povo. Mas é a revolta também. Dona Maria completa: "Eu não entendo disso daí, mas acho que o culpado é o nosso governo. Ele está comendo o suor e o sangue dos pobres. A gente agora tem é que enfrentar, que reagir. E se unir também, que uma andorinha não faz verão. Isto aí eu digo até na frente do governo. Pode me chamar que eu falo!" (da *Sucursal RJ e da Redação*)

SÃO BERNARDO - SP

Protesto contra a Lei de Segurança Nacional

Com a presença dos treze dirigentes sindicais do ABC, do deputado federal do PT, João Cunha, e do presidente do sindicato dos petroleiros de Paulínia, Jacó Bittar - todos eles enquadrados na Lei de Segurança Nacional -, realizou-se no dia 26 ato público contra esta detestada lei, contra a intervenção nos sindicatos e pela punição dos responsáveis pelos recentes atentados terroristas.

Compareceram à manifestação no "território de liberdade de Vila Euclides" cerca de cinco mil pessoas.

LEI DA INSEGURANÇA

Debaixo do sol forte todos ouviram vários oradores, entre eles o presidente do PT, Lula - um dos enquadrados -, o prefeito de São Bernardo, Tito Costa (PMDB) e Márcio de Almeida, representando o PDT. A Lei de Insegurança Nacional foi duramente criticada. Irma Passoni, deputada do PT, afirmou:

"Segurança Nacional significa comida na mesa dos trabalhadores, salários justos, terra para o povo trabalhar, emprego. O que o general Figueiredo está criando é insegurança nacional!"

Já o sindicalista Olívio Dutra demonstrou que a luta é muito mais ampla. "A LSN é uma das tantas leis contra os trabalhadores. Antes temos a CLT, a política salarial e a máquina do poder repressivo do Estado".

Na manifestação os trabalhadores presentes reafirmaram, com os braços erguidos, que a greve foi feita por todos e não apenas pelos treze dirigentes ora processados. E ainda foi anunciada para abril, caso a situação do povo não melhore, uma nova greve, o que provocou grande entusiasmo de todos.



Cena de violência policial nas filas do Rio de Janeiro: os rostos da multidão exprimem o descontentamento geral

Quem sumiu com ele?

O feijão sempre foi um alimento básico na mesa do povo brasileiro. Rico em proteínas e sais minerais, ainda assim era barato. Agora, porém, virou artigo de luxo. Por que?

Porque o governo dos militares está há anos sabotando a produção nacional. Antes, o Brasil colhia feijão com fartura. Agora, está importando o produto do Chile, Argentina, Estados Unidos, e ainda falta.

O governo favorece os grandes fazendeiros cultivando soja e outros produtos para exportação, com crédito fácil e incentivos fiscais. O

agricultor humilde, que planta para alimentar o povo, não tem vez com este governo. Termina perdendo sua terra. Não só o feijão, mas também o arroz, o milho, o alho, a cebola, o leite, têm que vir de fora. E isto num país que já é o segundo maior exportador de alimentos do mundo!

Além disso, há o problema da especulação. É fato sabido que há muito feijão escondido no país, para favorecer a alta dos preços e dos lucros dos especuladores. O mesmo produto que falta no prato do trabalhador, fica mofoando nos armazéns, dessa gente sem escrúpulos que o

governo protege enquanto manda a PM bater no povo.

O resultado só podia ser o que aí está: carestia galopante, escassez, fome e sofrimentos, tanto no campo como na cidade. É por isso que não só o agricultor, mas também o operário e os trabalhadores das cidades em geral vêem na reforma agrária uma bandeira sagrada, urgente, uma questão de salvação nacional. Só quando as terras do país estiverem nas mãos de quem as cultiva poderá haver fartura de alimentos para todo o povo e um progresso verdadeiro para a Nação.

LIÇÕES DA EXPERIÊNCIA OPERÁRIA

Alianças e compromissos

O movimento operário todos os dias tem que responder sim ou não a este ou aquele compromisso, aliança ou acordo. A própria greve envolve sempre conversações com o patronato e algum tipo de compromisso. Mesmo quando os grevistas conquistam na íntegra suas reivindicações, o que ocorre é um acordo, parcial, para diminuir e não para eliminar a exploração capitalista.

Além disso, a classe operária vive cercada por outras classes e setores sociais, cada qual com sua visão de mundo e suas aspirações próprias. Dentro da própria classe há operários com diferentes níveis de consciência, opiniões distintas, etc. Tudo isso impõe a necessidade de alianças, acordos, compromissos, adequados às circunstâncias.

Não se conhece até hoje nenhum movimento social e político que tenha escapado a esta regra. Só as seitas são "puras".

ACORDOS E ACORDOS

Assim como existem os compromissos convenientes e até obrigatórios, existem os que são nocivos, ou mesmo atos de traição. Uma boa parte da ciência e da arte da política proletária de princípios consiste em saber separar os primeiros dos últimos.

Compromissos necessários são aqueles que reforçam as posições da classe operária, conquistam novas forças para sua política, abrem novas tribunas e espaços, isolam os piores inimigos. São os que permitem avançar mais depressa, nos períodos de ascensão, ou recuar com o mínimo de perdas, quando há descensão.

Compromissos nocivos são os que amarram o movimento operário a reboque de uma política que não é a sua, que vendem os interesses fundamentais da classe

em troca de migalhas, que abrem espaços para os inimigos que seria preciso isolar. Um exemplo típico de compromisso traidor são as tentativas de acertar um "acordo de cessar-fogo" entre o movimento democrático e popular e o governo do general Figueiredo, o governo da fome, da repressão e do entreguismo.

O ponto de referência para se julgar a necessidade e a conveniência de uma aliança ou compromisso não são as vantagens de momento, parciais e temporárias. São os objetivos maiores, gerais e permanentes da classe operária, e os caminhos para alcançá-los.

NÃO HÁ RECEITAS

Em qualquer caso, é injustificável qualquer compromisso que comprometa a independência do movimento operário. Fora isso, não existe receita pronta para saber se este ou aquele compromisso é ou não admissível. Tudo depende de cada realidade concreta, com as circunstâncias, às vezes complicadas, que a envolvem.

A aliança da classe operária com a grande massa camponesa, por exemplo, tem caráter permanente e de longo prazo. Outras alianças já são mais temporárias e instáveis. Algumas não passam de alguns dias, ou até horas. Muitas vezes, impõe-se ao mesmo tempo uma aliança com determinada força política, sobre determinadas questões, e a luta com esta mesma força, em torno de outros tantos problemas.

Em linhas muito gerais, as forças conscientes da classe operária poderiam dizer: estamos com nossos aliados sempre que e na exata medida em que eles estão conosco; e guardamo-nos o direito de manter e exprimir nossos pontos de vista próprios quanto a todas as questões, havendo ou não havendo acordo.



No Seminário, o senador Teotônio Vilela defendeu não só a Constituinte mas até a reforma agrária em Alagoas

SEMINÁRIO PELA CONSTITUINTE - AL

Para derrubar o regime

"No meu modo de entender, a luta pela Assembleia Nacional Constituinte é a luta pela derrubada do regime militar". Essa foi a resposta do presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Seabra Fagundes, a uma das várias perguntas que lhe foram feitas no Seminário sobre a Constituinte, realizado nos dias 23, 24 e 25 de outubro, em Maceió, Alagoas. Centenas de populares assistiram as palestras do presidente da OAB, do ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes, do Senador do PMDB alagoano, Teotônio Vilela, e do representante da *Tribuna Operária* em Alagoas, jornalista Enio Lins.

A realização do Seminário foi uma das formas que o Comitê Pró-Constituinte, a Sociedade Alagoana de Defesa dos Direitos Humanos, a OAB, o Centro Acadêmico Guedes de Miranda, o Centro Acadêmico 2 de Outubro, o PMDB, a *Tribuna de Alagoas* e a *Tribuna Operária* encontraram para debater, divulgar e levar adiante a luta pela Constituinte no Estado.

SAÍDA PARA O IMPASSE

O presidente da OAB, Seabra Fagundes, abriu o Seminário denunciando o descaso do governo nas apurações dos atentados terroristas. Segundo ele, os autores dos atentados terroristas "são aqueles que já desempenharam cargos de mando e hoje, saudosos, tudo fazem para impedir qualquer processo de abertura e estão nos porões do próprio governo".

MUDANÇAS RADICAIS

O Seminário sobre a Constituinte marcou, também, a passagem do ex-governador pernambucano, Miguel Arraes, por Alagoas. Em sua palestra, ele afirmou que "muita coisa mudou após o golpe de 1964. Os golpistas agravaram a situação da maior parte da população brasileira. Foi o arrocho salarial que criou esta concentração de riquezas que aí está, ao lado do aumento escandaloso do empobrecimento da maior parte da população. Para mudar a situação, Arraes apontou para a Constituinte, "que não é apenas a

escolha de pessoas que serão eleitas para elaborar uma nova Carta, mas sim, um fato que implica em mudanças radicais".

CHEGAR ÀS RUAS

Coube ao senador Teotônio Vilela e ao jornalista Enio Lins o encerramento do Seminário. Enio destacou que a Assembleia Constituinte "precisa ter ampla participação dos trabalhadores, em especial dos operários e camponeses, o que só pode ser garantido por um governo democrático e de unidade popular". E o senador Teotônio Vilela destacou que "a campanha pela Constituinte é, hoje, um anseio para um programa de vida que nos dê condições de termos mais feijão, carne, milho, trigo e arroz, produtos que sempre produzimos e agora importamos em larga escala". O senador alagoano afirmou ainda que "a campanha pela Constituinte vai entrando em ritmo acelerado, como uma solução concreta que veio se impondo como um roteiro a seguir do pela nação brasileira". (Carlos Pompe, da *Sucursal de Alagoas*)



Em passeata, professores cercam o Palácio, enfrentando a repressão

GREVE DOS PROFESSORES-PR

15 mil saem às ruas

Cerca de 15 mil professores paraenses sitiaram o Palácio Iguacu, em Curitiba, no dia 21. Exigiam atendimento às reivindicações de aumento salarial de 70% para os 45 mil professores do Estado que permanecem em greve há quase um mês. O governador Ney Braga, temeroso, mobilizou suas forças: uma tropa da polícia militar — 500 homens armados e acompanhados de cães amestrados — foi convocada para impedir que a massa invadisse o palácio.

Tudo começou pela manhã. Em assembleia no Estádio Couto Pereira os professores decidiram continuar a greve. A contraproposta governamental de piso salarial de dois salários mínimos foi rejeitada em favor das reivindicações iniciais: além do aumento, piso de três maiores salários mínimos do país, adoção do Estatuto do Magistério, reajustes semestrais e elevação do nível I para o II de 22 mil normalistas. Do estádio foram à praça Santos Andrade, no centro da cidade, de onde saiu a

caminhada de duas horas até a sede do governo. Em todo o trajeto os professores foram aplaudidos por pessoas que lançavam papéis picados das janelas dos edifícios. O povo os ajudava a entoar canções de protesto ou a gritar as palavras de ordem: "a greve continua, o povo está na rua", "de noite, de dia, abaixo a mordomia".

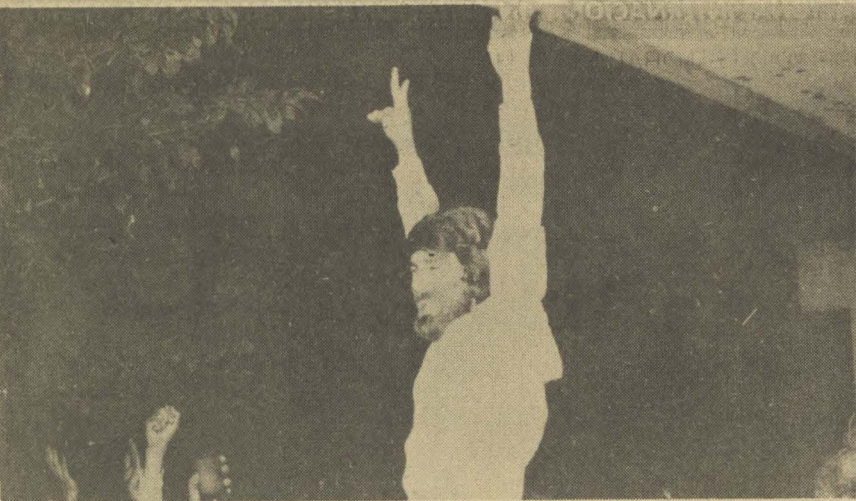
O governo subestimou o movimento dos professores em sua fase inicial. Disposto a nada ceder, confiou nas ameaças de represálias para frustrar a greve. Ao mesmo tempo deflagrou uma intensa campanha através da imprensa (jornais, rádios e televisão) na tentativa de jogar a opinião pública contra os professores. Nenhuma dessas medidas deu certo. Pelo contrário, a campanha mentirosa do governo serviu para demonstrar aos professores que ainda estavam indecisos a necessidade de lutar pelos seus direitos. Em uma semana a greve atingiu 80% dos estabelecimentos de ensino do Paraná. Na manifestação de Curitiba

estavam presentes delegações de 176 municípios.

Tendo contra si uma imprensa conivente com o governo, os professores organizaram seus próprios meios de comunicação: boletins, comissões de visitas aos pais, carros com alto-falantes, palestras em associações, etc. O primeiro desses boletins foi muito importante. Mostra as mentiras do governo. Entre elas a de que 35% do orçamento estadual destina-se à educação. Em 1980 a porcentagem foi de 21,3% e em 1981 vai descer para apenas 19,4%. Se faltam verbas para a educação, sobram para as mordomias.

Com esta argumentação clara os professores impediram que o governo obtivesse o seu isolamento. Receberam o apoio de associações de pais de alunos e de todas as entidades que se identificam na luta por melhores condições de vida para o povo e por amplas liberdades políticas.

(Da sucursal de Curitiba)



O novo presidente do sindicato carregado triunfalmente pelos colegas

VITÓRIA EM NOVO HAMBURGO-RS

Tempo de pelego passou

"Este sindicato agora não é de uma diretoria, mas de todo trabalhador. As decisões são de todos". Quem fala é João Mendes, jovem ainda, recém-saído da fábrica para a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de Novo Hamburgo, município da Grande Porto Alegre, depois de encabeçar uma chapa de oposição. E, juntando o ato à palavra, João abre a tribuna da cerimônia de posse para quem quiser falar. É o sindicato que se democratiza, que passa a funcionar como caixa de ressonância da voz sofrida do traba-

lhador, criando condições para uma unidade mais forte, mais combativa. Um dos oradores diz: "Gente, vamos vir aqui no Sindicato. Vamos exigir desses caras, que eles querem trabalhar. O tempo dos pelegos passou!"

E passou mesmo. No sindicato do município vizinho de São Leopoldo, que tem 32 mil metalúrgicos, a categoria já se prepara para derrubar o seu pelego, nas eleições de novembro agora. No Sul, como em todo o país, a hora é do sindicato que está com o trabalhador.

FIM DA CAMPANHA SALARIAL-SP

Acordo gera revoltas

Numa assembleia bastante tumultuada, a do último dia 24, onde nem os oradores foram ouvidos direito, os metalúrgicos de São Paulo aceitaram a proposta patronal e encerraram a campanha salarial deste ano. O acordo firmado é ruim, com pequenos aumentos salariais. Agora o metalúrgico terá que trabalhar quatro horas por dia para comprar um quilo de feijão, já que o piso salarial conseguido não passa de 34 cruzeiros a hora.

Os 420 mil metalúrgicos também estavam exigindo 20% acima do INPC mas acabaram aceitando nesta assembleia a contraproposta patronal: 8% para quem ganha de um a três salários mínimos; 6,1% para os que ganham de três a dez salários; e 3% para quem ganha acima de dez mínimos. Quanto às outras reivindicações, como o delegado sindical e o reajuste trimestral, os patrões nem deram resposta.

A aceitação deste péssimo acordo, que já está sendo contestado pela maioria da categoria, deve-se a vários fatores. Mas o fator que mais revolta os operários é que na campanha salarial predominou durante todo o tempo a briga de grupos. Havia uma cúpula mais preocupada com as eleições do próximo ano do que com a categoria, que não possibilitou maior mobilização dos metalúrgicos.

"PELEGO x DIVISÃO"

A diretoria do sindicato, com a conivência de seus aliados, tentou a todo custo isolar a Oposição Sindical. Bolou um esquema antidemocrático de assembleia, pagou vários "halterofilistas" para a "Segurança", contratou uma "assessoria", etc. Tudo para impedir a palavra dos que não rezam pela cartilha do pelego, mesmo daquelas que trabalharam com material do sindicato, convocando os metalúrgicos para as assembleias.

No final bagunçado da última assembleia alguns sindicalistas e Décios Malhos mais preocupados com a categoria reconheciam que "tinham levado uma rasteira do Joaquimão e dos conciliadores": "Nós acabamos esquecendo os patrões. Brigamos demais com os divisionis-



Momento da votação: tumulto na aceitação da proposta patronal

tas e não mobilizamos a categoria para lutar por melhores salários. O acordo feito não satisfaz os metalúrgicos".

A chamada Oposição Sindical também não ficou atrás no desrespeito à categoria. Preocupou-se unicamente em vaia o pelego Joaquim, aceitou e fez provocações. Um dos caciques da "oposição" chegou mesmo a declarar, com a maior cara lavada, que "pelo menos, com este quebra pau, a gente acabou com a farsa do Joaquim. Certo que a categoria perdeu, mas o Joaquim foi desmascarado".

QUEM SAIU GANHANDO?

Sem dúvida quem ficou satisfeito

com o ocorrido foram os patrões, o governo e o próprio Joaquim. Ele há 16 anos se mantém na direção do sindicato, utilizando-se sempre de grandes jogadas para brecar o movimento operário. Enquanto metalúrgicos trocavam tapas, Joaquim sorria, demonstrando seu sentimento de classe. No fundo se deliciava com as brigas.

Para a categoria mais uma vez ficou claro que com esta diretoria traidora fica muito mais difícil se alcançar vitórias. Nas eleições que se avizinhavam Joaquim tem que deixar o trono para dar passagem a novos sindicalistas realmente comprometidos com o conjunto da classe trabalhadora.

Pressão sobre patrões

Os metalúrgicos de Osasco e Guarulhos continuam na luta por melhores aumentos salariais. Os 55 mil trabalhadores de Guarulhos e os 42 mil de Osasco decidiram em suas assembleias não aceitarem a proposta patronal — a mesma aceita pelos metalúrgicos paulistas.

Mesmo com a ausência do carro-chefe da campanha salarial, os 420 mil operários de São Paulo, os operários destas duas cidades prometem maior mobilização para desafiar a intransigência dos patrões.

O comparecimento da categoria às assembleias ainda é pequeno. Tanto em Guarulhos como em Osasco gira em torno de 500 pessoas. Em Osasco a organização da campanha é maior. A diretoria do sindicato fez trabalho de preparação da campanha, realizando inúmeras reuniões de fábricas, comícios nas portas das empresas e tirando uma comissão de mobilização com representantes das quatrocentas firmas da área. Já em Guarulhos a divisão na direção da campanha tem impossibilitado a maior mobilização dos trabalhadores.

METALÚRGICOS PIRACICABA-SP

Chapa 3 engrena firme

Três chapas disputarão as eleições para o sindicato dos metalúrgicos de Piracicaba, nos dias 19, 20 e 21 de novembro, mas sem dúvida a melhor chapa é a 3. União dos Metalúrgicos, já conhecida como "chapa do macacão sujo de graxa". Formada a partir de processo amplo de discussão, ela possui programa firme de combate à política econômica do governo, contra a legislação, trabalhista e sindical.

Em parte este programa já está sendo posto em prática na propaganda eleitoral feita com comício em portas de fábricas, plantões no sindicato e a formação de um comitê de apoio.

Para ganhar estas eleições, segundo João Mendes, metalúrgico da Bonelli e candidato à presidente, "é preciso que todos trabalhem firmemente, com grupos de apoio nas fábricas e em cada seção". Assim, sendo os pelegos da chapa 1 e os assistencialistas da chapa 2 já estão derrotados.

RIBEIRÃO PRETO E SERTÃOZINHO-SP

Reinado de 15 anos acabará

Nos dias 9 e 10 de dezembro de 1980, serão realizadas eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto-Sertãozinho. Depois de 15 anos de reinado, o Presidente João Gonçalves pode cair do cavalo. A Tribuna entrevistou alguns componentes da chapa 2, de Oposição.

T.O. - O que representa a chapa de oposição para os metalúrgicos?

Orlando - Representa um avanço para a categoria, a atual diretoria não fez nenhum esforço de mobi-

lização e organização para as campanhas salariais até hoje. Na greve desse ano sentiu-se a necessidade de ter um sindicato do lado dos trabalhadores e não dos patrões.

T.O. - Quais os pontos principais do programa da chapa 2?

Guerrero: - Levar o trabalhador para dentro do Sindicato, fazê-lo participar da vida sindical, participar dos problemas da categoria, indo às assembleias, etc. Mostrar para o trabalhador que a legislação trabalhista está atrelada ao Ministério do Trabalho e que não existe vida sindical livre para o trabalhador.

T.O. - O que caracteriza a atual diretoria do Sindicato?

Guerrero: - Ela não tem nenhum compromisso com a categoria. Em Sertãozinho a presença do Sindicato foi nula, só soube negar o nosso movimento, não nos apoiou em nada, pelo contrário, fizeram reuniões e portas fechadas com os patrões e com a presença ostensiva do Deops, sem nenhum protesto da diretoria.

RESULTADO DAS CAMPANHAS

Faltou uma unidade combativa

As campanhas salariais dos metalúrgicos do Rio de Janeiro, Belo Horizonte-Contagem e S. Paulo, amarradas pelo peso morto do peleguismo, não conseguiram o que os operários aspiravam. A luta porém continua. A base destes sindicatos agora tira conclusões da experiência da campanha.

Uma primeira questão que aparece é a unidade. Tanto no Rio em Minas como sobretudo em S. Paulo, os metalúrgicos estavam divididos. Em S. Paulo chegamos a ter violência nas assembleias. Ora, os exemplos de S. Bernardo e agora de Monlevade (ver pág. 8) mostram a importância vital da união para dar força ao movimento. Uma categoria dividida já é uma categoria derrotada pela metade.

As diretorias dos sindicatos foram as grandes culpadas por isso. Mostraram que são incompetentes para unir a base. Elas pertencem à velha escola do peleguismo, que hoje marcha para a cova. Como os três sindicatos estão na véspera de eleições, elas conduziram as campanhas salariais numa visão eleitoreira, de olho na briga com a oposição e com o patrão.

Por sua vez, forças como a dita Oposição Sindical de S. Paulo perderam de vista a mobilização da categoria. A pretexto de combater o pelego, trabalhavam na prática pela desmobilização.

Disso tudo os operários tiram a conclusão de que a sua unidade precisa ser conquistada e defendida a todo custo. Unidade em torno do sindicato, sim, por mais que isso desgoste os praticantes do sindicalismo paralelo. E unidade com democracia, livre dos pelegos, portanto, pois eles trabalham pela divisão, apesar de falarem tanto contra o divisionismo.

Outra conclusão refere-se à organização nas empresas, indispensável para a própria unidade ter consistência. Não se pode dizer que nada foi feito para isto nas campanhas em questão, mas o grosso do trabalho ainda está por fazer.



Trabalhadores EM MARCHA

Três mil em greve

Servidores, GO — Cerca de três mil servidores da Osego (Organização de Saúde do Estado de Goiás) entraram em greve no último dia 10, exigindo pagamento da diferença salarial devida desde janeiro, recolhimento do FGTS, etc. As pressões contra os grevistas têm sido muitas.

Um dia após a decretação da paralisação seis funcionários foram chamados para depor, o secretário de saúde, Clodoviu Dourado Azevedo, derreitiu 22 trabalhadores e colocou policiais nas unidades. O povo e os setores democráticos, entre eles a OAB, têm dado todo apoio ao movimento (da Sucursal)

Brasilit vai parar

Piracicaba, SP — Os ceramistas de Piracicaba entram em greve a partir do dia primeiro. É que o acordo inicial feito entre a empresa Brasilit, o sindicato e a comissão de fábrica foi rompido pelos patrões, e os trabalhadores entenderam que "o patrão só discute quando para a produção". Os ceramistas exigem piso salarial de Cr\$ 6.800.

(da Sucursal)

Boa direção

Médicos, BH — Com comparecimento acima do esperado, cerca de 500 médicos, foi realizada a primeira assembleia da categoria na campanha salarial deste ano, no último dia 14. A boa mobilização, já que no município existem cerca de cinco mil médicos, deve-se ao bom trabalho realizado pela nova diretoria do sindicato. Com apenas seis meses de atuação ela já conquistou a confiança da categoria, hoje bastante explorada (da Sucursal)

250 mil em luta

Químicos, SP — Dezesseis sindicatos de trabalhadores químicos e farmacêuticos do Estado estão em plena campanha salarial, somando

um total de 250 mil trabalhadores. O sindicato da capital já tirou as comissões de mobilização e negociação na primeira assembleia, dia 28 de setembro, o que é uma grande vitória. Nos últimos 14 anos isto não ocorria. A assembleia decisiva ocorrerá no próximo dia 29. Até o momento os patrões estão intransigentes quando aos aumentos salariais. (da Sucursal)

Papel e Papelão

São Paulo, SP — "Não vote em Doutor, vote em Trabalhador", este é o lema da chapa 2, de oposição, que concorrerá nos dias 12 e 13 às eleições no sindicato dos trabalhadores em Papel e Papelão. O atual presidente do sindicato, o "Dr." Israel, há 12 anos na diretoria e que nem aparece na sede da entidade, já prepara "sacanagens", tentando impedir a chapa 2 de ter fiscais nas urnas. Mas os membros da chapa estão confiantes na vitória, "já que o pelego saiu bastante desgastado na última campanha salarial, em outubro", afirma Jeovane Melo.

100% de aumento

Eletricitários, PE — Graças à boa mobilização - na última assembleia compareceram 1500 pessoas, numa categoria com 6 mil trabalhadores - os eletricitários arrancaram importantes vitórias da Chesf e Celpe, seus patrões. Entre elas, um aumento de 100% no piso salarial, que passou para Cr\$ 9.500; creches, etc. As negociações foram encabeçadas por Edvaldo Gomes, eleito recentemente presidente do sindicato dos eletricitários, antes dominado por pelegos imobilistas.

Um pequeno susto

Metalúrgicos, SP — No último dia 21 os operários da Siderfer, fábrica da Zona Oeste, deram um susto nos patrões. Não aceitaram a antecipação das férias, com pagamento em salário velho, antes dos reajustes, e pensaram. Os metalúrgicos também mostram o descontentamento da categoria.

Novo impulso na luta camponesa

Grande êxito no I Encontro dos Trabalhadores Rurais Paraenses

A cidade de Belém assistiu neste fim de outubro a um acontecimento de rara importância para o movimento camponês: o I Encontro dos Trabalhadores Rurais do Pará, totalmente assumido pelos próprios lavradores, que cuidaram até da comida, feita com produtos que os delegados trouxeram de suas roças.

Já faz muitos anos que o Pará é um dos centros principais da luta camponesa no Brasil. A representatividade dos líderes presentes destacou ainda mais esta importância. Na sessão de abertura já havia 278 delegados, vindos de 18 municípios. Durante os debates, este número subiu para cerca de 300 pessoas, que examinaram os problemas do trabalhador da terra num clima de muita animação e camaradagem.

SINDICALISMO COMBATIVO

A reunião examinou em detalhe os problemas do jovem e dinâmico sindicalismo rural que se desenvolve no Estado. Destacou o valor das

GARIMPEIROS DE RONDÔNIA

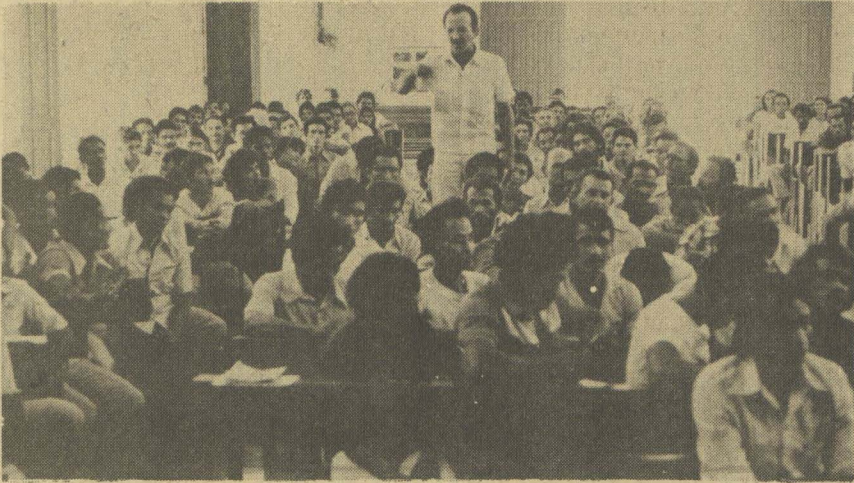
Suor, doenças e pouco ouro

Em meio a sucessivos conflitos gerados pela disputa do ouro de aluvião, já pouco encontrado, os garimpeiros do “Vai-quem-quer”, a 163 km de Porto Velho, em Rondônia, vão aos poucos frustrando-se com o rio Madeira, e com as inúmeras injustiças das “autoridades”.

Na Região de Abunã, fronteira à Bolívia, a Polícia Federal vem apreendendo o minério, mesmo em quantidades pequenas, caso os garimpeiros não possuam guias de trânsito. Só que essa mesma polícia, juntamente com figuras governamentais, “esquecem-se” dos chamados atravessadores, que usam e abusam do comércio ilegal do ouro aluvionar.

MUITA LUTA, POUCO OURO

O baiano Davino Rocha, 40 anos, o primeiro a montar uma balsa em Tamborete, em 1979, confessa-se chateado com a profissão: “ano passado consegui apurar três quilos de



Plenária do Encontro onde os camponeses debateram a luta pela terra

oposições sindicais que vêm se formando na luta contra os tubarões, os grileiros e também os pelegos que ainda infestam muitas entidades. Os debates e resoluções apontam no rumo de um sindicalismo combativo e de ampla participação. Destacou-se, entre outras coisas, o papel

da sindicalização em massa, dos delegados sindicais, do desatrelamento das entidades de classe em relação ao governo, do estreitamento dos laços intersindicais.

REFORMA AGRÁRIA IMEDIATA

Os delegados decidiram lutar por

uma “reforma agrária radical e imediata”, que divida a terra de acordo com sua localização, qualidade, e com o tamanho das famílias que a ocupam. Reafirmaram seu direito a defender a terra onde trabalham, até com armas se for preciso. E apoiaram a luta contra a grilagem dos territórios indígenas.

Entre as amostras do amadurecimento da consciência do camponês paraense, está a exigência de extinção de órgãos governamentais demagógicos como o Inera, Interpa, Getat e Getan. E ainda a decisão contrária à venda de terras, a não ser com a aprovação da comunidade.

CONSTITUINTE NO CAMPO

No plano geral, sobressaiu a aprovação da luta pela grande bandeira das classes trabalhadoras e de todos democratas, a Assembléia Constituinte, que, na opinião do Encontro, precisa ser livre e soberana.

(Ronald Freitas, enviado especial).

PRODUTORES DE UVA-RS

Gaúchos protestam

Até os produtos de uvas do Rio Grande do Sul, responsáveis por mais de 80% da produção nacional deste produto, estão unindo para criticar a política econômica do governo. É o reflexo da crise, onde até os pequenos proprietários começam a contestar.

Pela primeira vez mais de cinco mil produtores de uvas se reuniram em assembléia geral, no último dia 19, na cidade de Bento Gonçalves, com o objetivo de pressionar o governo a melhorar sua política de preços mínimos. O governo gasta em torno de “30 milhões de dólares com a importação de uvas e vinhos, enquanto os produtores recebem preço abaixo do custo”, afirma documento elaborado por vários sindicatos rurais, entre eles o de Bento Gonçalves, que lidera o movimento.



Na entrada da Usina, canavieiros fazem piquetes com troncos

CANAVIEIROS DE PASSOS-MG

Greve leva a vitória

No dia 2 de outubro seis mil trabalhadores rurais da Companhia Agro-Pastoril do Rio Grande e Agro-Pecuária Vale do Rio Grande em Passos resolveram entrar em greve, na primeira paralisação de lavradores do Estado de Minas Gerais. A insatisfação dos trabalhadores pelo baixo salário (54 cruzeiros por tonelada de cana cortada) e pelas péssimas condições de trabalho (neste ano três cortadores morreram na queimada da cana) levou a esta acertada decisão.

Com troncos de eucalipto na estrada que dá acesso à Usina foi feito o piquet inicial, por cerca de 70 homens, de madrugada. Já as oito da manhã havia 1.400 lavradores parados. Imediatamente foi feita uma assembléia onde, apesar da diretoria da Federação dos Trabalhadores Rurais de MG propor a volta ao trabalho, os lavradores manifestaram a disposição de continuarem parados e “de não deixar ninguém tomar a frente do movimento”.

MELHORIAS MÍNIMAS

Para negociar com os usineiros foi criada uma comissão de 20 trabalhadores, sob a liderança de um jovem cortador de cana, Itubira Brasil, já bastante reconhecido pela categoria. O próprio sindicato, que se omitiu da luta, acabou por indicar Itubira como delegado sindical, o que lhe garante estabilidade no emprego.

A esta comissão coube também o papel de sistematizar as reivindicações do conjunto dos trabalhadores. Entre as principais exigências estão: aumento salarial de 40% sobre a diária; transporte dos lavradores em ônibus, para evitar acidentes; assinatura da carteira de trabalho; estabilidade de um ano para a comissão de negociação; pagamento dos dias parados; etc.

GRANDE VITÓRIA

Diante da firmeza dos trabalhadores durante quatro dias de greve e do amplo apoio conseguido a câmara municipal de Passos, o sindicato dos contabilistas, a Igreja, a Ordem dos Advogados, e a população em geral, prestaram grande solidariedade — os patrões se viram obrigados a dar os 40% e ainda atender todas as outras reivindicações, até o pagamento dos dias parados.

É grande o entusiasmo dos lavradores pela vitória conquistada. Como declarou Itubira à **Tribuna**, “nós resolvemos usar a melhor arma que o trabalhador tem, que é a greve”, e isto foi entendido por todos que agora se mobilizam para garantirem as conquistas.

Uma mostra de que os lavradores entendem a importância da organização da categoria é que eles se lançaram de vez para atuação no sindicato. Em apenas uma semana 600 trabalhadores se sindicalizaram.



INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL

A farsa do plebiscito

Seguindo o exemplo da ditadura do Chile, os militares uruguaios promoverão no dia 30 próximo um “plebiscito constitucional”, com o qual pretendem dar uma fachada legal ao regime militar.

Dirigentes da Convergência Democrática — que agrupa as principais organizações oposicionistas do Uruguai — denunciaram o plebiscito como um jogo de cartas marcadas, “pois não haverá nenhum tipo de fiscalização de confiança”.

Greve geral no Peru

A Confederação Geral dos Trabalhadores do Peru, a maior central sindical do país, convocou dia 28 último uma greve geral nacional, em data ainda não determinada. A paralisação, que deverá contar com o apoio de milhares de trabalhadores, se destina a exigir a reintegração dos trabalhadores demitidos por sua atuação política e sindical desde 1968, sob o anterior regime militar.

Greve de protesto

Os trabalhadores do porto de Gdansk e de fábricas em diversos pontos da Polónia poderão realizar uma nova greve de protesto, contra as tentativas governistas de alterar os acordos firmados em agosto passado, depois da maior greve já registrada no país. O governo, ao reconhecer oficialmente a confederação sindical Solidariedade, eliminou sem qualquer consulta o direito de convocação de greve e incluiu o reconhecimento do “Partido Operário Unificado Polonês” como principal órgão dirigente. O líder da confederação, Lech Waleśa, declarou-se contra outra greve, por considerá-la precipitada.

Unificação de forças

O Partido Guatemalteco dos Trabalhadores (PGT), a Organização do Povo em Armas (Orpa), o Partido dos Trabalhadores da América Central (PTAC) e as Forças Armadas Rebeldes (FAR), principais organizações guerrilheiras da Guatemala, decidiram unificar suas forças para combater a ditadura militar chefiada pelo general Romeo Lucas Garcia. A unificação se dá diante de uma onda de repressão desencadeada por grupos para-militares direitistas e pelos órgãos de segurança guatemaltecos, responsáveis por milhares de assassinatos em todo o país.



Viva nossa classe operária! São os dizeres da faixa ao fundo

Sindicato socialista

Os trabalhadores albaneses passaram a contar em outubro com um novo Código do Trabalho, adaptado ao estágio atual da construção do socialismo. Num país com 2,6 milhões de habitantes, a participação na discussão do código foi de mais de um milhão. E a alavanca que impulsionou tudo foi as **Unões Profissionais**, as organizações sindicais albanesas.

BEM DIFERENTE

Os sindicatos albaneses nasceram e cresceram em condições bem diferentes das do Brasil e dos países capitalistas em geral. Em 29 dezembro de 1944, quando o país expulsou os invasores nazifascistas, a classe operária já tinha experiência de toda uma guerra de libertação vitoriosa, mas mal tinha dado os primeiros passos na organização sindical. As Unões Profissionais surgiram dois meses depois, já na luta pela construção do socialismo. Daí a diferença.

As Unões Profissionais não lutam, por exemplo, contra a exploração patronal, pelo simples motivo de que na Albânia não existem padrões nem exploradores de qualquer tipo. Não fazem greves nem pressões para que o governo atenda às reivindicações operárias, porque os operários estão no poder, são o poder, mandam no país. As greves já passaram há muito tempo para o mundo dos quadros do país.

seu dos trabalhadores albaneses, ao contrário do que ocorre em países de socialismo falsificado, como a Polónia.

VOZ ATIVA EM TUDO

O que fazem então as Unões Profissionais? Elas têm voz ativa em todo o governo do país. Além de assinarem os contratos coletivos sobre a remuneração, as condições de vida e trabalho em cada empresa, elas participam diretamente da elaboração e da redação das leis trabalhistas e salariais. E mais ainda, interferem, com peso fundamental, nos planos de produção de cada empresa nos investimentos, normas de trabalho. Numa palavra, dizem como deve ser cada fábrica.

DEMOCRACIA SINDICAL

A célula básica da vida sindical fica na empresa e é formada por assembléias com participação do conjunto dos trabalhadores. Ali todos têm voz e voto, em pé de igualdade, desde o diretor até o peão. O controle de baixo para cima funciona de verdade. Existe luta também, até bastante intensa, contra o burocratismo, por exemplo. Se algum diretor mostra queda para o burocratismo, ouve poucas e boas; e se não se emenda, volta para a produção, de onde, aliás, sai a imensa maioria dos quadros do país.

DISPUTA ELEITORAL NOS EUA

Duas faces da mesma moeda

No dia 4 próximo serão realizadas as eleições presidenciais dos Estados Unidos, um jogo de cartas marcadas no qual será escolhido o novo administrador dos negócios das gigantescas empresas multinacionais norte-americanas. Isto ocorrerá num período marcado por uma das maiores crises já registradas no sistema capitalista, e pela ameaça de um conflito mundial.

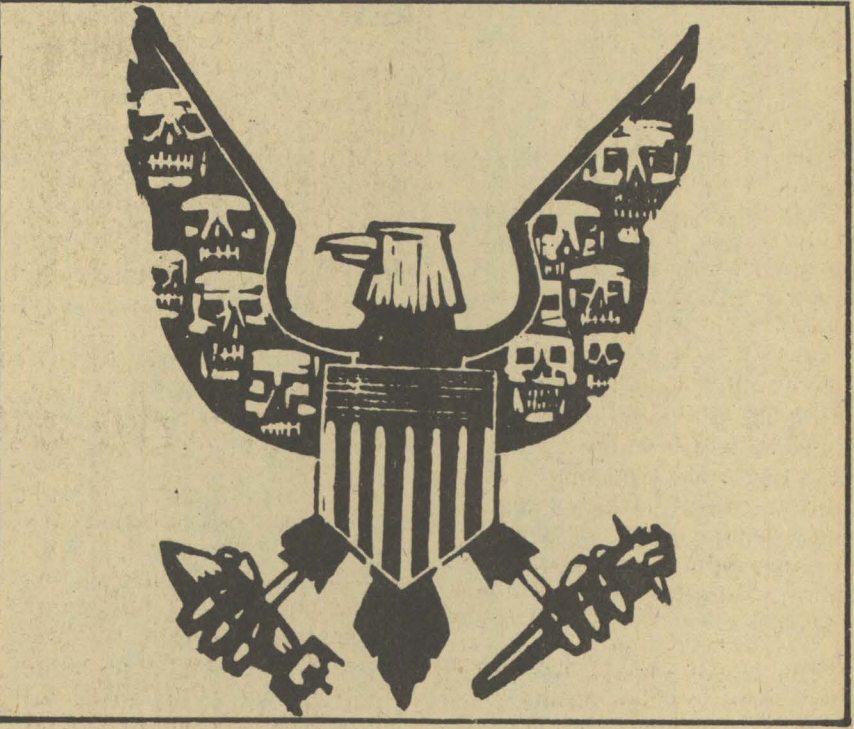
Os dois principais candidatos, o atual presidente James Carter, do Partido Democrata, e Ronald Reagan, do Republicano, se criticaram furiosamente durante toda a campanha eleitoral, como se representassem coisas diferentes. Mas não é assim: ambos pregam uma exploração cada vez mais selvagem dos trabalhadores dos Estados Unidos e dos países controlados pelas multinacionais.

FARINHA DO MESMO SACO

A eleição de Carter ou Reagan fará pouca diferença no que diz respeito à solução dos problemas dos Estados Unidos — forte inflação, recessão, desemprego e repressão política — ou das questões internacionais, pois a última palavra pertence sempre às grandes empresas. Somente as companhias petrolíferas norte-americanas representam 40% do lucro industrial do país, o que lhes permite obstruir com seu poderio econômico e político a qualquer tentativa de oposição.

Os quatro anos de presidência de Carter são um exemplo disso. Verificou-se o mais forte declínio dos níveis de vida dos trabalhadores norte-americanos em 50 anos. A inflação subiu a 12,7% em 12 meses, e o desemprego triplicou, atingindo 300 mil operários somente no setor metalúrgico.

No plano externo, a “política de direitos humanos” de Carter não passou de advertências retóricas às ditaduras militares, continuando a fomentá-las e a dirigir novos golpes, como na Turquia. Carter também prometeu reduzir o orçamento militar e controlar a corrida armamentista. O que se viu foi a mais maciça escalada militar dos EUA, com a reinstalação do serviço militar obrigatório e o mais alto orçamento mi-



litar desde a II Guerra (143,7 bilhões de dólares).

Reagan, por sua vez, conta com o poderoso apoio do que há de mais reacionário no país, incluindo a sinistra Ku Klux Klan. Em um banquete para angariar fundos para a campanha Reagan, cada rico convidado contribuiu com nada menos de dois milhões e 800 mil cruzeiros! E, ao contrário de Carter, o candidato republicano assume abertamente sua posição fascista: já afirmou que, caso eleito, voltará à **política do porrete** e pretende revogar uma série de conquistas obtidas pelos trabalhadores norte-americanos.

A postura de Reagan levou vários sindicatos, em sua maioria direitistas, a apoiarem Carter, buscando o “mal menor”. Mas não existe “mal menor” no caso. A ação do novo presidente será orientada pela crise do capitalismo, que deverá atingir proporções ainda maiores na década de 1980, fazendo surgir o fantasma de uma nova guerra mundial — meio usado pelo capitalismo para superar momentaneamente suas dificuldades. E, para isso, tanto Carter quanto Reagan, para os trabalhadores norte-americanos ou de outros países, a questão não está em escolher um patrão, mas em opor-se ao capitalismo e às guerras imperialistas e combater pelo fim da exploração. (Djalair Aguiar)

URSS também vai mal

A crise não se restringe aos países do Ocidente. O governo soviético admitiu dia 22 passado estar passando por grandes dificuldades em seu plano econômico de 1976 a 1980, em especial devido a um roubo de 54 milhões de toneladas na safra de cereais.

No dia seguinte, foi anunciada a renúncia do primeiro-ministro Alexei Kossigin, por “motivos de saúde”.

Embora ainda não se saiba o alcance dessas alterações, sabe-se que o presidente soviético, Leonid Brezhnev, está muito preocupado com a falta de cereais. Em recente discurso, Brezhnev responsabilizou “a lentidão das decisões governamentais, o planejamento irrealista e o excesso burocrático” pela situação.

Brezhnev, no entanto nada falou sobre o que o governo soviético pretende fazer para superar o problema. Uma solução seria a importação de cereais, mas esta dificilmente cobriria a brecha de mais de 50 milhões de toneladas. Outra hipótese seria a restrição do consumo, mas, após as greves na Polónia, originadas por aumentos nos preços dos gêneros alimentícios, essa é uma possibilidade arriscada. Dessa forma, o governo soviético se vê na mesma dificuldade dos países capitalistas ocidentais: se cortar o bife, o peixe, se ficar o bife, come.

União de Democratas e Trabalhadores Maurício Grubis



Neste primeiro aniversário de nosso jornal, recebemos inúmeras cartas de apoio. Como não foi possível publicar todas no encarte, continuaremos a divulgá-las no "Fala o Povo".

Agradecemos a todos os que vêm nos apoiando nesse nosso primeiro ano de vida. E esperamos cumprir cada vez melhor nossa missão, sermos realmente uma tribuna a serviço da classe operária, dos trabalhadores e do povo. Nossa seção vem recebendo um número cada vez maior de cartas. Por isso voltamos a pedir que escrevam curto e grosso, para que todos tenham espaço para dar o seu recado. Desta forma vocês estarão dando uma grande contribuição para que "Fala o Povo" divulgue notícias, denúncias e informações providas de todos os cantos deste país imenso. Para que relate o que ocorre por este Brasil afora e que a imprensa burguesa não ouse e não quer contar. (Olivia Rangel)

RECENSEADORA-PE

Como vive o nosso povo

Em primeiro lugar, gostaria muito que esta carta fosse publicada, pois foi a forma que encontrei de denunciar as péssimas condições de vida do povo.

Recentemente, numa experiência como recenseadora, pude ver isto de perto e também ouvir declarações interessantíssimas: 95% das famílias que recenseei vivem em condições miseráveis, sem uma alimentação decente, sem assistência médica, um alto índice de analfabetismo. Muita gente mal sabia assinar o nome. As condições de moradia bastante precárias, muitas famílias vivendo praticamente dentro do lixo.

A água é coisa rara, o pessoal tinha que andar bastante, subir e descer morro para encontrar. Em várias casas não havia instalação sanitária, as pessoas tinham que tomar banho de noite do lado de fora da casa, correndo todos os perigos.

Geralmente as casas só tinham um cômodo que servia de cozinha, quarto, sala etc., quase sempre morando mais de 8 pessoas. Me

POSSEIROS DE ARAGUAÍNA



pareceu que as crianças são as maiores vítimas de toda aquela miséria. Elas têm no geral aspecto muito triste, são bastante magras e atrofiadas. Correm também muitos perigos de vida, vai algumas delas caindo de ribanceira.

Ouvi também declarações importantes, que me fizeram acreditar ainda mais que, vivendo com toda

PROFESSORES E ALUNOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL-SP

Manter o curso vivo

A matéria publicada recentemente pelo jornal *O Estado de São Paulo* chocou a todos nós, porque tomamos conhecimento da proposta do Sr. Paulo Nathanael Pereira de Souza, conselheiro do Conselho Federal de Educação, cuja pauta foi a rejeição à abertura de novos cursos de Comunicação Social. Isso significa, futuramente, a extinção do próprio curso. Alega o conselho que os currículos são deficientes e mediocres e sua proliferação tem como resultado a saturação do mercado de trabalho por profissionais sem competência.

Com isso estamos nos questionando: em que se fundamentou o Sr. Nathanael quando apontou o Curso de Comunicação Social como deficiente e medíocre? Ora, se no Brasil a crise do ensino é geral, então seria esse curso a lança que levaria os outros à decadência?

O editorial afirmou que os currículos seriam revistos mais uma vez por especialistas. Quem são esses especialistas que estão reestudando essa proposta? Teriam eles condições de solucionar tais

defasagens ao invés de extinguir o curso?

Quanto à saturação do mercado de trabalho, queremos saber se as pessoas que ocupam os cargos são profissionais especializados, graduados em Comunicação Social ou são técnicos formados pela própria empresa de comunicação (jornais, agências, emissoras de rádio e TV). Os jovens comunicólogos foram taxados de frustrados por terem recebido teorias semiológicas, semióticas e cibernéticas. Mas a frustração citada é menos importante se formos analisar a pressão que sofremos em não podermos informar, ajudar e levar a cultura a grande parte da população.

Sem dúvida, para nós, alunos e professores do Curso de Comunicação Social o projeto do Sr. Nathanael ainda contém ranço de autoritarismo e de descrença em relação ao trabalho intelectual. E, mais do que nunca, representa o tolhimento da liberdade de expressão e pensamento. (Comissão de alunos e professores de Comunicação Social - São Paulo, SP)

OPINIÃO DE LEITOR-MT

Pagamento obrigatório serviço não

O meu objetivo em escrever-lhes é fazer umas denúncias com relação ao INPS dessa região (Barra do Garças), pois aqui todos pagam o dito cujo mas não têm atendimento. Ou seja, não há posto do INAMPS no município de Barra do Garças, por sinal a terceira maior cidade de Mato Grosso do Norte. Aqui, quando os trabalhadores ficam doentes, têm que apelar para hospital particular e gastar dinheiro de um mês de trabalho em um dia, ou ir para Goiânia, que fica daqui a uns 600 kms, ou morrer à míngua como está acontecendo com muitos trabalhadores.

Mas em compensação nós somos representados aqui por um deputado federal e três deputados estaduais, todos do PDS, inclusive o prefeito da cidade, que se vendeu. Eles estão preocupados é em fazer politicagem. Agora mesmo eles acabaram de mandar embora o advogado do Incra, Onofre Roncato, simplesmente porque ele está filiado ao PMDB. (M. D. S. Barra do Garça, MT)



Ato público dos estudantes em frente ao prédio da reitoria

ESTUDANTES E PROFESSORES DE SAÚDE-GO

Verbas para o Ensino

Estudantes, médicos residentes e professores da área de saúde da Universidade Federal de Goiás se encontram em greve geral desde o dia 1º de outubro, exigindo verbas para o Hospital das Clínicas, que não tem mais condições de atender ninguém.

Primeiro, os estudantes e médicos residentes entraram em greve, fazendo uma carta aberta à população a respeito da crise já cíclica do hospital. O reitor da UFG é um vagabundo que nem ao menos se digna a fazer uma viagem a Brasília (198 kms) para pedir verbas. Ficou apavorado e tentou acabar com a movimentação. Mas em ato público em frente ao prédio da reitoria, os estudantes exigiram que o reitor e o conselho universitário se posicionassem a respeito da crise.

José Cruciano se recusou a falar com o grosso dos estudantes, dizendo que

recebia apenas uma comissão. Esta se apresentou e de imediato ele falou que havia se comunicado com o ministro da Educação, sendo que a verba seria remetida breve. Os estudantes, já escaldados com as mentiras da reitoria, foram a Brasília e verificaram que nada havia sido comunicado. O reitor, desmascarado em sua farsa, sangrou 20 milhões de outros departamentos para tapar o buraco do hospital.

Os estudantes no entanto não se dobraram e o reitor passou a chamá-los de moleques. Demonstrando firmeza, eles mantiveram seu movimento, até conseguirem a adesão dos professores. Na terça-feira, dia 14, eles foram a Brasília e acamparam em frente à Secretaria do Planejamento, exigindo verbas para o hospital e 12% para a educação. (Um colaborador da Tribuna - Goiânia, GO)



POSSEIROS DE CACHOEIRA DE MACACU-RJ

Lavradores reunidos

Todos os dias chegam ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais centenas de lavradores, para saber da detetoria como anda o processo de desapropriação da Fazenda São José da Boa Morte.

A informação é que foram encaminhadas todas as exigências, só está dependendo das autoridades competentes, como o Presidente da República, o Presidente do Incra e o Ministro da Agricultura. É um processo que está tramitando nas mãos do Governo Federal desde 1961, quando a fazenda foi desapropriada por efeito de Reforma Agrária e depois entregue através da Resolução Administrativa do Incra.

Desde essa época os trabalhadores estão esperando a solução do Incra para

retornar à terra. Porque os lavradores do Município de Cachoeira de Macacu não se conformam em ver terras paradas, onde podem ser assentados centenas de lavradores e que hoje estão pagando preço injusto pelo feijão, arroz e cereais, e que poderiam produzir para o sustento de suas famílias e para exportação.

Os trabalhadores têm proposta de aguardar solução das autoridades para este assentamento somente até o mês de janeiro de 1981. Após, não tendo soluções positivas, os lavradores vêm dizendo que vão ocupar as terras vazias, para que suas famílias não morram de fome e a população também. (Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cachoeira de Macacu - RJ)

Prisão para juiz grileiro

Um dos grileiros mais perigosos no extremo norte de Goiás é o juiz de Direito de Araguaína. João Batista de Castro Neto. Sua carreira, que teve início em 1974, é marcada pela corrupção total, tendo se vendido para inúmeros grileiros e se encontrado comprometido até o pescoço com uma multinacional norte-americana.

Mas sua carreira de grilagem escurada na lei está prestes a chegar ao fim. No final do mês de setembro o advogado Osvaldo de Alencar, representando o Bispo de Porto Nacional, Dom Celso Pereira, deu entrada na Corregedoria Geral de Justiça de Goiânia com uma representação contra o juiz grileiro, em que as provas demonstram a abundância dos fatos denunciados. São apresentados inúmeros depoimentos de lavradores que foram expulsos de suas posses por este falso representante da lei, à custa da força e da violência policial.

Nos depoimentos apresentados por Dom Celso, que é membro da Comissão Pastoral da Terra na agitada região do Araguaia/ Tocantins, e colhidos junto aos posseiros, estão gravados fatos estardalosos. Para formar suas fazendas, o juiz não hesitou em expulsar 60 famílias do município de Itaguaitins, usando a Polícia Militar.

Mas a continuação de sua doentia perseguição aos posseiros teve se-

guimento. No dia 10 de setembro último, enxotou inúmeras famílias de posseiros do povoado de São Felix; no dia seguinte, mandou repetir a operação em Axixá e levou os posseiros presos para a fazenda do grileiro Crispim Batista de Moraes, mantendo-os em cárceres privados, inclusive o vice-prefeito. O vigário de Axixá, padre Janus Orlowski e o agente da Pastoral frei Henrique Dez Rozens, foram até a fazenda pedir pelos lavradores e foram barbaramente espancados e presos, sendo levados para Araguaína, onde o delegado se recusou a cumprir a ordem de João Batista.

Com todas essas provas apresentadas contra o juiz, os lavradores esperam que este seja punido e suas terras devolvidas. Recentemente chegou às mãos da imprensa, em Goiânia, um documento de uma fazenda multinacional, que assegura estar João Batista de Castro Neto em suas mãos e que se os posseiros continuassem criando dificuldades para os fazendeiros, os técnicos da multinacional deveriam procurar o deputado federal pelo PDS Siqueira Campos. "O Siqueira Campos diz o documento - já é nosso". Siqueira Campos é tido também como grileiro na região norte e atualmente anda às turras com o coronel Jarbas Passarinho. (Um colaborador da TO - Araguaína, GO)

MULHERES DE ALVORADA-RS

Tomar a dianteira da luta

No dia 7 de outubro, cerca de 100 mulheres, reunidas na frente do escritório da Corsan no município de Alvorada (RS) exigiam a instalação de água na Vila Campos Verdes, onde moram.

As condições de vida na Campos Verdes são as piores. Não tem água nem luz, a escola funciona 1 ou 2 dias por semana, os gêneros alimentícios chegam a preços altíssimos. Mas o mais grave é a falta de água. Só existem 4 poços rasos na vila e sua água é contaminada. Dá pra ver os bichinhos vermelhos nadando nessa água. Por causa disso, recentemente morreram três crianças e outras crianças da vila têm vermes e vivem constantemente com dor de barriga. O filho de Dona Suzana, de oito anos, passou 1 ano morando internado num hospital de

Porto Alegre, com problemas de vermes e infecção.

No ano passado andou por aqui um grupo de aproveitadores, dizendo que iam fundar uma associação. Instalaram três bicas na Vila, recolheram 100 cruzeiros de cada morador para fazer as carteirinhas e pagar a conta d'água e sumiram com o dinheiro. A Corsan foi lá e cortou a água. Em vista desta situação, as mulheres resolveram tomar a dianteira na luta. Se reuniram, formaram uma associação de verdade e foram até o governador do Estado exigir uma providência. Mas nada conseguiram, além de promessas. Também foram várias vezes até o prefeito de Alvorada e, como sempre, só promessas. Como diz Dona Cleonir, da diretoria da Associação,

eles só ficam lá em cima, não olham o povo.

Só que desta vez eles vão ter que olhar para o povo. As mulheres, lideradas por Dona Cleonir, Dona Suzana, Dona Tânia, Dona Valquíria, Dona Zeli e Dona Valdevez estão decididas a ir até o fim na luta para mudar as condições de vida na Campos Verdes. A prova disso foi a manifestação do dia 7. Elas saíram em passeata pela vila, até o escritório da Corsan, gritando palavras de ordem e convocando todo mundo.

E, enquanto os representantes esperavam o diretor da Corsan, o grupo lá fora não parava de denunciar a toda a população a situação da vila. (Uma colaboradora da TO - Alvorada, RS).

TEATRO AMADOR (I)-SP

Teatro a preços populares

O Grupo TABA (Teatro Amador de Base), a Fepama (Federação de Artistas Amadores) e o ICIB (Instituto Cultural Israelita Brasileiro) convidam à todos a assistirem no dia 4 de novembro às 20 hs. a apresentação da peça teatral "A Última Estância" de Carlos Queiroz Telles. O texto aborda o problema da violência urbana num bairro da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Após a apresentação será realizado um debate sobre o assunto, contando com a participação de Dalmio Dallari, Plínio Marcos, Carlos Queiroz Telles e outras pessoas. Apareçam. O endereço é: rua Três Rios, 252, Bom Retiro. (Grupo TABA - São Paulo, SP)

POESIA DE LEITOR-RS

Che Guevara lutador

Dia 9 de outubro completaram-se 13 anos que Ernesto Che Guevara deixou fisicamente o mundo dos vivos para conviver conosco através do mito que é seu testemunho histórico. Neste sentido sua presença é plena e nós somos, como ele foi, o prolongamento de um ideal que não nas-

ceu conosco e que, apesar de nossa morte, terá continuidade. Matam-se pessoas, mas não se matam os grandes ideais de amor à Humanidade que moveram sua ação. O poema que segue foi redigido por mim. Espero que queiram publicá-lo. (J.M. Mineiro - Rio de Janeiro, RJ)

Ausência de quem se foi de quem nos deixou somente a essência	Tua guerra é minha guerra tua chama teu povo teu povo meu povo.
Essência que é tudo: palavra e presença.	Meu abraço teu braço prolonga o amigo.
Sentença selada do acaso ou acaso morte que é vida.	Che comandante ausência-presença presença constante na luta do povo do povo que sigo
Ausência-presença palavra que é verbo presença contida.	Che comandante contigo caminho estrada que é longa estrada sentida do dentro de nós por isso que digo:
Che comandante meu canto e teu canto na bandeira que trago contigo com o	Che Guevara o dia em que o Ideal sem Real

OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL - RS

É preciso vigiar o patrão

Os operários da H.D. Construtora de Obras Ltda. conseguiram através da Delegacia Regional do Trabalho a formação de uma comissão de 15 trabalhadores, com estabilidade até o término da construção, encarregada de fiscalizar as obras.

As denúncias na imprensa contra a H.D., firma paranaense que constrói casas populares em Guaíba, começaram a surgir após o espancamento do peão Mário Renato Krieger Ferreira pela segurança da empresa.

As irregularidades cometidas pela H.D. são inúmeras: desde descontos indevidos (ferramentas, coturnos, borracha, alcochoado, travesseiro e colchão, tudo é cobrado) comida ruim, até as péssimas condições de habitação e higiene em que vivem os milhares de operários, amontoados em alojamentos sujos, sem luz, com pouca água, muitas vezes chovendo dentro dos barracões.

Para garantir que os operários continuem trabalhando e muitos não voltem para o Paraná, os guardas da empresa, armados com revólveres 32, ameaçam e agredem os empregados descontentes.

Os contratos de trabalho dos peões da H.D. são feitos através de empreiteiras-fantasma, a fim de que a empresa possa fugir às suas obrigações trabalhistas. As empreiteiras não registram o empregado, não anotam, nem devolvem sua



Carteira Profissional. E quando o empregado é mandado embora, tem que assinar um recibo de quitação em branco, sob ameaça de guardas, aconselhado por um pelego do Sindicato da Construção Civil, Lédio Cardoso de Bittencourt, que "faz as contas" na hora e garante que o peão

não será ludibriado. Após receber uma quantia muito inferior a que é realmente devida, o tal pelego cobra 500 cruzeiros como uma taxa para apresentar o peão desempregado em outro serviço.

(Um operário da HD - Guaíba, RS)

PERIFERIA DE CIJIARÁ-MT

Mesma perseguição

Nós, moradores dos bairros de Cuiabá e adjacências abaixo-assinados viemos de público manifestar nosso repúdio ao arbitrário ato de violência cometido contra o bairro de São Viana, do Maranhão, como também manifestar nosso pesar pelo falecimento de Dona Analéia Lúzio, que estava grávida, e de João Ferreira, de 74 anos, em decorrência da brutal ação policial contra os moradores.

Sentimos profundamente este acontecimento, pois aqui no nosso Estado sofremos estas mesmas injustas perseguições. Quantas ações policiais violentas contra os nossos bairros do Pedregal, Canjica, Barbado, Linha do Tiro, Santa Isabel e outros! Todos nós sabemos que um bom número dos moradores destes bairros estão aqui porque fo-

ram expulsos do campo pelos grileiros, grandes fazendeiros, junto com a polícia. Será que o trabalhador brasileiro será sempre um peregrino na sua pátria?

Não! Acreditamos que se houver uma grande união e solidariedade entre nós, sem dúvida conquistaremos um lugar ao sol.

Bravas famílias de São Viana, todo nosso apoio à sua luta, que é a nossa e de tantos irmãos por esse Brasil afora!

Conclamamos todo o povo brasileiro a manifestar seu repúdio a atos selvagens como este através da imprensa democrática e de atos de solidariedade, para com isto reforçar a união e a luta do nosso sofrido povo.

(Assinada por representantes das associações de Bairros do Jardim Santa Isabel, Canjica, Barbado e Barro Duro - Cuiabá, MT)

Comaragil grila terra

Comunico algumas irregularidades da Empresa Comaragil em Casa Nova, Bahia. Ela tenta invadir terras de colonos de baixa renda, desobedecendo os limites determinados pela Iterba (Instituto de Terras da Bahia).

Ficarei muito grato pela publicação desta denúncia. Será que essa invasão demonstra abertura política? Atiraram nos pés dos trabalhadores às 2 hs. da manhã.

Grande parte da comunidade que tem conhecimento destes fatos está revoltada. Não aceitamos o compromisso que as autoridades da Bahia assinaram na presença de muitas pessoas apoiando a empresa. (J. C. A. - Sobradinho, BA)

GRILAGEM EM SOBRADINHO-BA

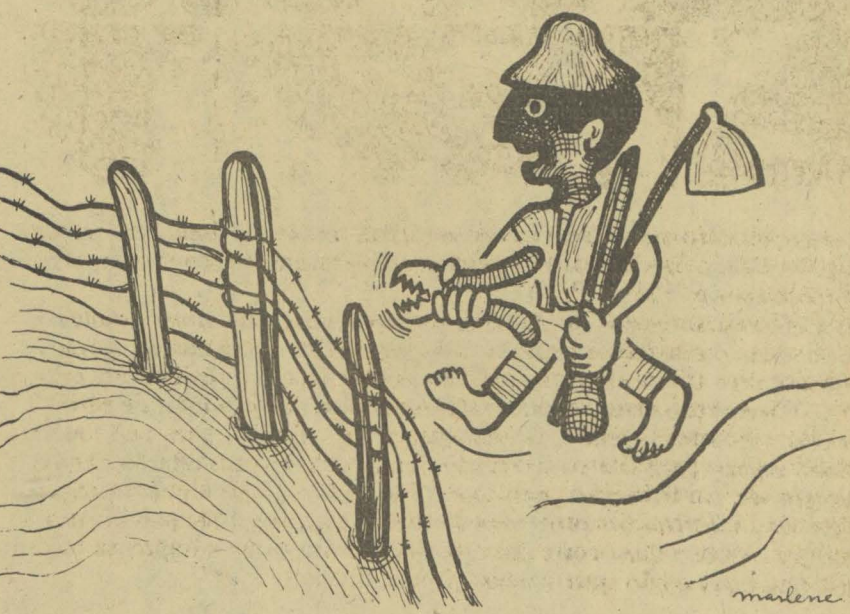
POSSEIROS DE JUAZEIRO-BA

Famílias em pé de guerra

A comunidade de Riacho Grande, município de Casa Nova, no Vale do São Francisco, a 150 quilômetros de Juazeiro, na Bahia, está em pé de guerra. 62 famílias de posseiros que lá vivem há anos estão sendo perseguidas mais uma vez pela empresa Camaragipe, que pretende grilar a terra para implantar um projeto de mandioca irrigada voltado para a Proálcool e financiado pelo governo.

Joaquim Ferreira da Rocha, posseiro, falando em nome dos trabalhadores rurais de Riacho Grande, disse que "desde 11 de julho passado a Camaragipe vem perseguindo os posseiros para tomar a terra. O Interba prometeu titular e demarcar nossa posse e até hoje não fez nada disso: já houve várias tentativas da Camaragipe de invadir e nós estamos resistindo e vamos continuar resistindo". No último dia 27 a Camaragipe mais uma vez invadiu a área dos posseiros, desta vez mandando homens armados até de metralhadoras.

O padre Abílio Almeida, em nome da CPT de Juazeiro distribuiu nota denunciando que "o acordo assinado entre trabalhadores rurais e a Interba no último dia 10 de julho está sendo desrespeitado pela Camaragipe". Desde setembro de 1979 que esta empresa tenta expulsar os posseiros e eles resistem como podem, inclusive já tendo passado 14 dias em vigília sob árvores, suportando calor, frio, poeira e fome para



impedir que a grilagem se concretize.

No último dia 27 os trabalhadores foram surpreendidos pelo barulho das máquinas da Camaragipe que mais uma vez invadia a área dos posseiros, desta vez de forma brutal, com 4 tratores, 15 peões fazendo cerca de 8 jagunços fortemente armados. Os posseiros se plantaram em frente à máquina, defendendo suas posses com risco da própria vida. O delegado regional de Juazeiro foi ao local do conflito onde recolheu várias cápsulas de balas de diversos calibres e armas diferentes que haviam sido disparadas contra os

trabalhadores. Segundo ele eram balas de carabinas e metralhadoras.

Diante disso, a CPT de Juazeiro exige: 1 - garantia de vida e posse para os trabalhadores; 2 - retirada imediata da cerca construída pela Camaragipe; 3 - retirada imediata dos jagunços e guardas contratados pela empresa para garantir a grilagem.

Os posseiros vêm recebendo manifestações de apoio e solidariedade de diversas personalidades e entidades, inclusive de 5 federações e 31 sindicatos de trabalhadores rurais do Vale do São Francisco. (Colaborador da TO - Juazeiro, BA)



"Onde estás?": diálogo de um preso.

TEATRO AMADOR (II)-SP

História de uma guerrilha

Nós, do grupo Abracadabra, apresentaremos brevemente uma peça sobre a apagada história do Brasil nos últimos 10 anos, particularmente sobre a guerrilha do Araguaia.

Nossa peça se intitula **Onde Estás?**. O texto é um diálogo solitário de um preso pouco antes de sua execução. Com dados históricos da guerrilha do Araguaia na década de 70, com textos bíblicos, o autor tenta fazer uma revisão da luta humana pelo direito de se viver em paz, como um passarinho. Um dia na vida de um preso, que pode ser o seu último dia ou o primeiro.

Somos um grupo pobre, independente, que está fazendo teatro com o coração. Um teatro em prol da dignidade humana.

Propomos um novo tipo de teatro, o teatro guerrilheiro. Não o teatro armado, é claro, mas um novo tipo de comportamento, com a transformação do comportamento superficial do artista contemporâneo. A história que apresentamos é um apelo à vida. Estaremos dia 1º de novembro no Teatro Oficina, na rua Jacuquai, 520, Bela Vista, (tel 32-3039). A partir de então estaremos nos apresentando de quarta a domingo às 22:30 horas. A entrada inteira é de Cr\$ 200,00 e meia Cr\$ 100,00. Mas faremos preços especiais para trabalhadores, sindicatos, etc. Venham nos assistir. (Grupo Abracadabra - São Paulo, SP)

FUNCIONÁRIOS DA TV E RÁDIOS-RJ

Atores reivindicam direitos

Os atores que trabalham nas televisões e rádios cariocas - Globo, Silvio Santos, Bandeirantes e a falecida Tupi - estão participando de uma luta que, há poucos dias, teve uma de suas primeiras vitórias. O problema é que patrões como Roberto Marinho, da Globo, ou Silvio Santos não estão querendo pagar os direitos dos artistas.

Os atores são contratados apenas para gravar uma novela, mas depois que ela é passada na emissora os vídeo-tapes são passados em outros Estados, em outras emissoras e até mesmo vendidos no exterior. No Brasil todo, das 110 emissoras que existem, apenas quatro

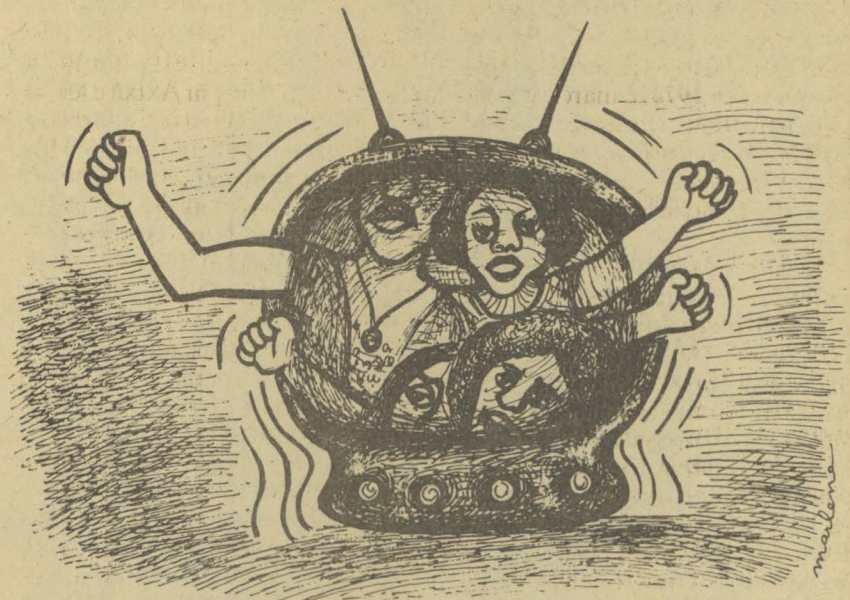
gravam programas. As outras apenas retransmitem o que foi feito.

Os artistas, organizados em torno de seus sindicatos e associações, como a Associação dos Atores em Dublagem, Cinema, Rádio, Televisão, Propaganda e Imprensa, conseguiram que o governo engolisse algumas leis que obrigam o pagamento dos atores toda vez que suas vozes ou imagens sejam reapresentadas.

Mas estas leis que estão aí, feitas por Constituintes que não tiveram participação popular, nunca vão botar na cadeia um patrão. Os empresários não pagam, desafiando a Justiça. A ASA, então, exigiu que a Polícia Federal

impedisse a retransmissão dos programas. Mas eles não fizeram nada e se valeram de uma decisão do desembargador Bandeira Stampa, que mesmo afastado do cargo, deu parecer favorável aos donos das emissoras.

Apesar dessa falseta, os artistas pressionaram e, unidos, conseguiram que duas estações do governo - a Rádio MEC e a TV Educativa - pagassem os direitos devidos. Hoje, a luta prossegue. Além do pagamento dos direitos de retransmissão, os artistas estão exigindo carteira assinada, pagamento de férias e 13º. (Um colaborador da TO - Rio de Janeiro, RJ)



EU TAMBÉM APÓIO ESTE JORNAL

Horácio, presidente da Associação dos Vigilantes do Ceará

"Lançar a **Tribuna Operária** foi uma boa idéia, principalmente para nós, vigilantes, no nosso trabalho diante da classe. Só notícias de vigilantes já saiu duas vezes. A divulgação das notícias ajuda na conscientização da classe. Esperamos que a **Tribuna Operária** continue com esse trabalho".

Grupo de metalúrgicos de Contagem, MG:

Tem um ano de trabalho frente ao proletariado. Mostra os fatos sem atalho que ocorrem por todo lado.

É a classe operária. A vanguarda da nação. É a **Tribuna Operária**. Que vai dar a direção.

José Carlos da Silva, presidente da Associação de Moradores do bairro Carumbé, Cuiabá, MT:

"Sou admirador deste jornal por ser um companheiro de luta em prol da classe operária, dos trabalhadores, dos sindicatos e de todos aqueles que reivindicam através de manifestações e que não concordam com a injustiça e com a péssima administração atual".

Lúcio Monteiro Pereira, secretário do PMDB no Cabo (PE), ex-candidato a Prefeito:

"A **Tribuna** é o jornal que traz uma análise da situação do país e internacional com mais profundidade e tratando os temas em pauta. É o jornal mais político que existe para as massas. Lá no Cabo mesmo a **Tribuna Operária** vende 90% para operários. É de um modo geral aborda as questões com linguagem simples".

Ivani, membro da União das Donas de Casa de Cuiabá, (MT) e do Movimento Contra a Carestia

Tribuna que nos conta massacres, opressões e dores. Revela-nos injustiças sobre nossos irmãos sofredores. Informa-nos sobre tudo que se passa neste Brasil de horrores. Bendito sejas tu, neste ano de vida União é o nosso lema, em nossa luta sofrida. Nada temos a temer, temos apenas que vencer. A luta está começada, é uma grande jornada, combateremos com prazer.

Manuel (Bié) vice-presidente da Associação de Bairro da Canjica, Cuiabá:

"Nós, moradores da Canjica, vemos na **Tribuna Operária** um jornal puro, sério e sincero, que dá prioridade e destaque às coisas do povo sofrido mas que luta para sair do sofrimento. Não foi uma só vez que este valente jornal publicou matéria do nosso bairro. Hoje o jornal deixou de procurar o bairro, porque é o bairro que procura ele. Avante, **Tribuna**, e conte conosco!"

José Cristovão Magalhães, ex-presidente da Associação de Bairro Jardim Santa Isabel, Cuiabá, MT:

"A **Tribuna Operária** quero prestar meu integral apoio e faço votos para que este corajoso jornal permaneça como é, colocando na vanguarda os principais fatos que caracterizam as lutas dos trabalhadores da cidade e do campo, tendo como direção a classe operária. Avante, **Tribuna**! Seu aniversário nos emociona porque sabemos que neste momento, junto contigo, é parabéns a todo o sofrido povo brasileiro".

CONSULTÓRIO POPULAR

Venho solicitar deste jornal que descreva brevemente em uma de suas edições qual a explicação que se dá para que o cruzeiro tenha sua decaída diante do dólar norte-americano, que já alcançou o seu 16º reajuste este ano.

Qualquer patriota fica indignado com a desvalorização do cruzeiro. Mesmo que a gente não entenda muito de economia a gente sente que cada vez que o dólar sobe, o nosso país está sendo prejudicado.

A taxa de câmbio é medida pela quantidade de cruzeiros necessários para comprar moeda estrangeira, principalmente o dólar que ainda domina o mercado mundial. Por exemplo: uma taxa de 60 cruzeiros para comprar um dólar.

É o governo que determina o valor da taxa de câmbio e para isso ele leva em conta a inflação no mundo e principalmente nos Estados Unidos e compara com a inflação aqui dentro do Brasil. Esse sistema de fixação é flexível e leva em conta também a diferença entre os aumentos dos preços dos produtos importados e dos exportados.

Os militares criaram as minidesvalorizações que no final das contas levam ao enfraquecimento do cruzeiro. Quanto maior a taxa de câmbio mais cruzeiros vamos precisar para comprar mercadorias importadas e mais baratas vão ficar nossas mercadorias exportadas para os países desenvolvidos.

Quanto mais cai o cruzeiro mais barato fica para os tribos internacionais e mais caras ficam as

das dentro do país. Por exemplo: houve uma maxidesvalorização de 30% em dezembro de 79; se um empresário americano quisesse comprar uma fábrica nacional que custasse 4 milhões de dólares antes da desvalorização, se ele esperasse o aumento da taxa cambial teria que desembolsar só dois milhões e oitocentos mil dólares.

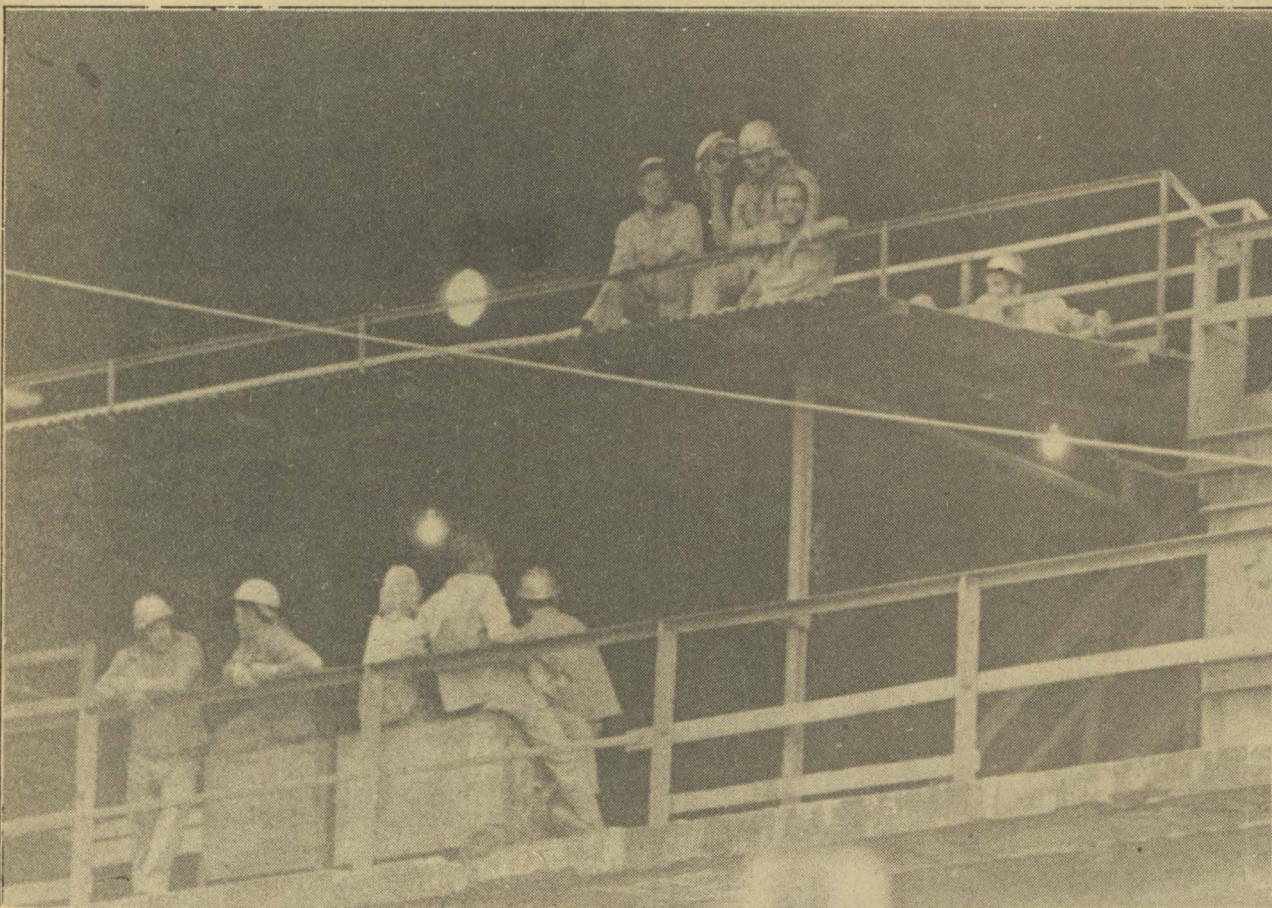
Quanto mais o cruzeiro cai outra coisa que acontece é a queda dos preços em dólar das mercadorias que nós vendemos lá fora. Por exemplo: antes da maxidesvalorização uma toalha brasileira custava cinco dólares, depois ela custaria três dólares e meio.

A conclusão que nós chegamos é que quanto mais cai o cruzeiro mais fica desnacionalizada a nossa economia e cada vez mais voltada para o mercado externo. Depois de 16 anos de ditadura militar nosso país está cada vez mais dependente dos grandes capitalistas mundiais.

Enquanto a nossa economia se volta cada vez mais para o mercado externo aqui dentro os brasileiros passam fome. Enquanto a soja traz bilhões de dólares para especuladores e intermediários financeiros o feijão some da mesa do pobre e vai para 150 cruzeiros.

O mercado externo é importante para uma economia mas não pode ser uma fonte de dominação. Todo país que se preze deve contar principalmente com as suas próprias forças. A experiência socialista na China é um importante exemplo de uma política sadia de comércio exterior.

Seja o Documento da Comissão de Trabalho



GREVE DOS METALÚRGICOS DE MONLEVADE

PARARAM E VENCERAM

Os 4.400 metalúrgicos da Belgo Mineira em Monlevade (MG) entraram em greve às 7 horas da manhã da quarta-feira, 22 de outubro. Como em 1978 e 1979, a greve foi dentro da fábrica e sem piquetes, o que se deve às particularidades da categoria: concentração numa só empresa, unidade e um sindicato combativo.

Os patrões queriam retirar uma conquista anterior dos trabalhadores: as antecipações salariais em janeiro e em julho, além dos reajustes semestrais. Além disso, recusaram a proposta de conciliação feita pela categoria, de reajuste de 3.200 cruzeiros além do INPC. Também recusaram-se a legalizar a comissão paritária formada há dois anos, não admitiram a redução da jornada de trabalho de 48 para 40 horas semanais e em vez do piso salarial reivindicado, de 13.051 cruzeiros, queriam dar 10.384.

O nível salarial dos operários de Monlevade, mais alto do que em outras concentrações metalúrgicas,

foi conquistado palmo a palmo, na luta. Os patrões da multinacional pensavam que esta campanha seria o momento de anular uma parte dessas conquistas, mas deram-se mal. No terceiro dia de greve, quando as reivindicações operárias foram a dissídio coletivo, as máquinas continuavam paradas e os braços cruzados. Só trabalhavam os altos-fornos, que foram guardados como cartada final para alguma necessidade. Enquanto isso, uma comitiva de diretores do grupo "Arbed", dono da Belgo-Mineira, era recebida em Monlevade com várias faixas em francês, denunciando a opressão na empresa.

Na mesma sexta-feira, o Tribunal Regional do Trabalho pronunciava-se, com uma sentença que marcou um êxito importante dos grevistas (veja o box ao lado). Os metalúrgicos decidiram então suspender a greve até o resultado final do dissídio; voltaram ao trabalho, mas de cabeça erguida.

(da Sucursal de Belo Horizonte)

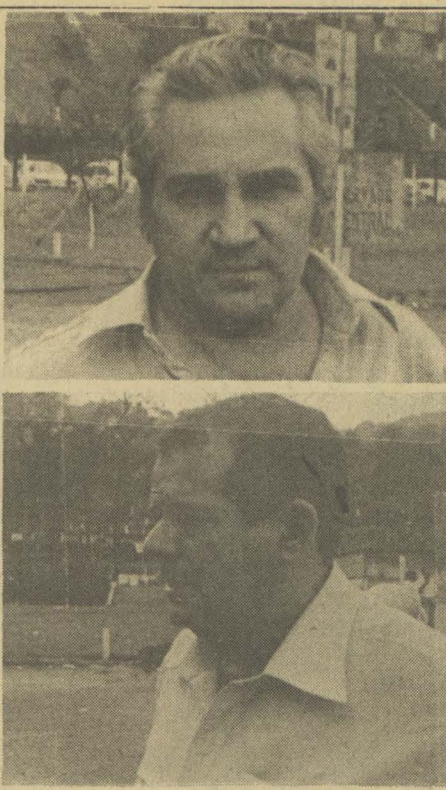
Conquista da greve

O Juiz Luis Vieira de Melo, da Justiça do Trabalho de Minas, decidiu que precisa de dados para fixar o índice de produtividade dos grevistas de Monlevade. E solicitou que a Belgo-Mineira apresente, dentro de cinco dias, todos os números sobre seus balancetes desde 1978, folha de pagamento, preço de venda e exportação, investimentos e outros.

Esta decisão inédita foi uma conquista da greve e abre um precedente para as outras categorias. Até hoje, os patrões e o governo sempre esconderam os dados reais sobre a produtividade. Na hora das campanhas, eles tiram da cartola as propostas que bem entendem. Agora, pelo menos uma parte da verdade sobre a Belgo virá à tona. Os operários

poderão ver melhor como funciona o capitalismo. Verão para onde vai o valor que eles criam. Uma parte, destinada a pagar seus salários, é arrojada pelos patrões. A outra parte, a mais-valia, é embolsada pelos donos do capital, e cresce às custas do suor e do sangue dos que trabalham.

Alguns dados já apareceram. A produtividade da Belgo-Mineira, segundo João Pires, nos últimos 12 meses cresceu 11,6% em Monlevade e 20,6% na trefilária de Contagem. A produção de aço do primeiro semestre deste ano foi 55 toneladas maior do que no mesmo período do ano passado. Enquanto isso, os lucros saltaram de 287 milhões de cruzeiros para 609 milhões.



Ao lado, os operários dentro da Belgo, de braços cruzados. Acima, João Paulo Pires, ex-presidente, e José Vilar, presidente atual do Sindicato.

FALA A VIÚVA DE SANTO DIAS

“A luta é dos dois”

Dia 30 de outubro é o primeiro aniversário do assassinato do operário Santo Dias da Silva pela Polícia Militar, durante a greve dos metalúrgicos de São Paulo. A Tribuna Operária entrevistou por este motivo Ana Dias, sua viúva e companheira de lutas.

TO: Como anda o processo de Santo na Justiça?

Ana Dias: Para começar, não existe Justiça. A gente sente que as autoridades não estão nem aí. Se fosse um operário que tivesse cometido o crime que eles cometeram, ia ser morto sem nem ser julgado.

Apesar disso nós exigimos que os culpados sejam punidos. Não só o soldado, mas também os mandantes. Os que mandaram o crime foram os mesmos que matam camponeses nas roças. Foi o governo. Exigimos justiça. Não é uma questão de esperança. Queremos cobrar esse crime e mostrar a toda a classe operária quem é o culpado. Nós aguardamos e não vamos entregar os pontos.

TO: Quais os frutos do sacrifício de Santo para os trabalhadores e o povo?

Ana Dias: Sabemos que essas injustiças sempre acontecem. Mas a morte dele foi denunciada em todo o Brasil e até no exterior. Ele morreu, mas se multiplicou. Na roça e na cidade cresceu a revolta. No próximo dia 30 vai haver atos de protesto em todo o interior de São Paulo. Aqui em São Paulo haverá uma missa na Igreja da Consolação e uma caminhada, às 15 horas. Na hora de morrer, Santo disse que a luta não terminava com ele. Aproveito para convidar todo mundo para o ato, para mostrar que ele tinha razão.

TO: O que mudou em sua vida nestes doze meses e qual tem sido sua



Ana: “é preciso continuar a luta...”

atividade para levar adiante a causa de Santo?

Ana Dias: Mudou tudo. Desde que chegou a notícia da morte e eu cheguei no Pronto-Socorro, onde eles queriam dar sumiço no corpo para não assumir o crime. A partir daí, tive que lutar sozinha, sem o Santo. Ser pai e mãe de meus filhos, mostrar às crianças que a luta tinha que continuar, mesmo sem o pai delas.

Não posso fazer tudo o que Santo fazia. Por exemplo: não atuo no sindicato. Mas estou sempre em contato com os companheiros metalúrgicos. Sempre que posso falo em reuniões. Ainda recentemente, fui em Conceição do Araguaia, conversar com a Oneide (viúva do líder camponês Raimundo Ferreira - o Gringo), num encontro de mulheres. Assim ligamos nossa luta aqui na cidade com a luta lá na roça.

A luta não é só do homem, é dos dois. A mulher tem muita força na luta, porque enfrenta mais dificuldades e tem que trabalhar em casa também. Quando ela enxerga a importância da luta, vai fundo.

Tribuna Operária

Vai dar Viração na UNE

As atenções do movimento estudantil brasileiro neste final de ano letivo estão totalmente voltadas para a eleição direta da diretoria da UNE, que será nos dias 12 e 13 de novembro. Isto porque, embora o Congresso tenha aprovado uma plataforma de combate para os estudantes, não chegou a garantir uma cabeça para a entidade, elegendoo sua diretoria.

AS CHAPAS E A ELEIÇÃO

Agora, cinco chapas disputam as eleições. Delas, a que defende as posições aprovadas no Congresso foi **Viração**.

Segundo Aldo Rebelo, candidato à presidência, as quatro palavras de ordem na campanha da chapa são: destinação de 12% do orçamento federal para a educação; barrar os aumentos abusivos das anuidades; fim do governo da fome e da repressão; e Assembléia Constituinte livre e soberana para o Brasil. “Enfim - disse ele - vamos nos empenhar em defender as principais bandeiras aprovadas no Congresso.”

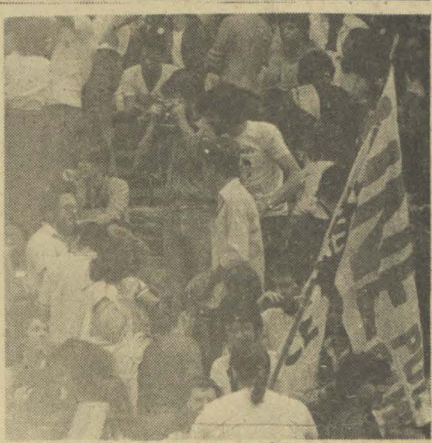
O próprio Aldo foi um dos que mais se destacaram na defesa da Constituinte. Em sua intervenção, virou-se para uma parte da plenária onde estudantes da **Resistência** exibiam uma faixa com os dizeres “Constituinte Agora Não”, e erguendo os braços afirmou: “Quem leva essa faixa, para ser consequente, deveria escrever também nela Reforma Agrária agora não, poder para o povo agora não. A Constituinte é atualmente a saída política para o povo. Mas tem de ser precedida pela derrubada da ditadura”.

A COMPOSIÇÃO DA CHAPA

Como se sabe, **Viração** é composta no fundamental pelas duas tendências majoritárias atualmente entre os estudantes. No ano passado elas defendiam posições diferentes quanto ao movimento estudantil e à conjuntura política nacional. Mas, como diz Luis Fernandes, candidato a secretário de Humanas, “nossa chapa é constituída por companheiros com diferentes posições políticas. Mas ela tem o mérito de ter explicitado estas diferenças nas tribunas do Congresso. Ao contra-



Acima, os membros da chapa: Aldo Rebelo, Luiz Mariano, Luiz Falcão, Jaime Penteado, Adelson Alves Lindo, José Pimenta, Luiz Carlos, João Pedro, Alzira Mindelo, Fredo Ebling, Javier Alfaya, Arnaldo Zorbi, Adelinmaro Claf, Luis Fernandes e Vitor Neschi Filho. Ao lado, estudantes durante o Congresso da UNE.



rio de outras, que ofuscaram estas divergências para viabilizar uma chapa conjunta. Além disso, embora tenham surgido diferentes visões quanto à filiação internacional da UNE e à forma de escolha da diretoria, nossa chapa é munida de grande unidade em torno da visão das lutas políticas a serem levadas pela entidade, entre as quais se destaca a luta pela Constituinte livre e soberana. E a chapa como um todo está comprometida em levar adiante as deliberações do Congresso, que foram essencialmente as posições de sua corrente majoritária.”

A corrente majoritária de **Viração** continua defendendo as mesmas bandeiras de sempre. Quem teve que fazer grandes concessões foi a tendência **Caminhando**: embora seus representantes tenham defendido a Constituinte no Congresso, formaram chapa com **Resistência**, que se empenhou em combater a Constituinte durante todo o encontro.

tro. A própria plenária não se continha. E estudantes levantavam cartazes onde se lia “**camaleão**”, quando alguns oradores mudavam repentinamente de posição.

ARREGAÇAR AS MANGAS

Agora, é preciso trabalhar para que **Viração** vença as eleições. Jaime, candidato a tesoureiro, faz uma convocação a todos os estudantes leitores da **Tribuna** que concordam com o programa da chapa: “É preciso formar comitês de apoio nos Estados e nas diversas escolas, para divulgar as propostas da chapa. E não devem se esquecer de fazer uma ampla campanha de finanças, com a realização de festas, venda de camisetas, livros e discos, pedir contribuições para os simpatizantes da chapa. É preciso arregaçar as mangas e trabalhar para ganhar...”

(Olivia Rangel)



Marinheiros sublevados conversam com Lênin às vésperas da revolução; gravura soviética de 1936

57º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA

OUTUBRO VERMELHO

Os trabalhadores do mundo festejam no 7 de novembro mais um aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro de 1917 na Rússia. Depois de 57 anos, aparece ainda melhor a importância dessa obra gigantesca da classe operária russa, liderada pelo partido de Lênin, o Partido Comunista.

Com a Revolução de Outubro, os operários pela primeira vez na história tomaram seu destino nas próprias mãos. Derrubaram o poder dos capitalistas e criaram seu próprio poder político, baseado nos Soviotes de operários, camponeses e soldados. Aboliram a velha ordem baseada na propriedade burguesa e na servidão assalariada. E começaram a construir um mundo novo, sem explorados nem exploradores, um mundo socialista, de trabalhadores livres e iguais.

CAPITALISMO EM CRÍSE

A insurreição de 1917 foi fruto de uma situação revolucionária. O mundo daquela época vivia os horrores da I Guerra Mundial. Os trabalhadores se matavam entre si nos campos de batalha para decidir qual quadrilha de bandido imperialista sairia vencedora. A crise e a fome assolavam os lares operários. Em toda parte estouravam greves,

motins, revoluções. No Brasil, nossa jovem classe operária lançava-se à greve em S. Paulo e criava seu Partido Comunista, segundo o modelo de Lênin.

1917 marcou o começo do fim do capitalismo. E hoje forma-se no mundo mais uma situação revolucionária, ainda mais farta e profunda. O universo burguês apodrece a olhos vistos e mostra suas chagas mal-cheirosas — a crise, a guerra, as tiranias, a fome, a inflação, o desemprego. É verdade que a União Soviética, traída por dirigentes indignos depois da morte de Stálin, não é mais uma base de apoio da revolução e do socialismo. Porém o movimento operário revolucionário e a luta dos povos oprimidos ganham força em todos os Continentes. A América Latina não é exceção.

A transformação desta nova época revolucionária numa época de revoluções vitoriosas dependerá da capacidade das classes sociais interessadas, em primeiro lugar o proletariado. E o mais rico modelo de revolução triunfante, ainda hoje, é o do Outubro soviético.

PALAVRAS DE ORDEM AMPLAS

A insurreição de 1917 foi o acon-

tecimento mais radical que a humanidade já assistiu, um ato de violência que quebrou a tradição milenar da exploração do homem pelo homem. Mas foi também um acontecimento de amplitude sem precedentes. Foi obra de milhões de simples trabalhadores da cidade e do campo, de homens e mulheres que, em outros tempos, deixavam-se explorar passivamente.

Essa massa imensa despertou, levantou-se e tomou de assalto o poder político, guiada pelas mais amplas palavras de ordem: **Paz, Pão e Terra**. Um dos maiores méritos da liderança de Lênin e dos comunistas russos foi justamente o de unir numa só corrente o movimento operário contra a exploração capitalista, os movimentos democráticos pela reforma agrária e o fim da guerra, o movimento nacional dos povos oprimidos pelo império russo. Sem isso, não haveria revolução.

Também hoje, as revoluções avançam quando empunham bandeiras amplas. Nos casos da Nicarágua e do Iraque, foi a luta pela liberdade. Esta é uma lição que interessa diretamente aos operários brasileiros.

(Bernardo Joffily)